

HENRI SAUSSE

PROVAS? AQUI ESTÃO ELAS!



TRADUÇÃO
TERESA DE ESPEANHA



Autores Espiritas Clássicos

Confraria dos Livros Bons

HENRI SAUSSE

PROVAS? AQUI ESTÃO ELAS!

Lançamento original:

Henri Sausse - Des preuves? En voilà!

Éditeur: Valence-sur-Rhône

Imprimé: Ducros et Lombard

Paris – 1922

Tradução: Teresa da Espanha

Revisão da Tradução: Irmãos W. e Ery Lopes

Formatação: Alexandre R. Distefano

Versão digitalizada

© 2021

Distribuição gratuita:

[Portal Luz Espírita](#)

[Autores Espíritas Clássicos](#)



Confraria dos Livros Bons

Henri Sausse

Provas? Aqui estão elas!

Resultados de mais de 50 anos de pesquisas e de perseverantes investigações.

À memória do nosso Mestre em Espiritismo

ALLAN KARDEC

Aos nossos Guias Espirituais

Ao meu Mestre e Amigo LÉON DENIS

Às Médiuns senhoritas Luisa e Bedette

Aos Membros do Grupo Amizade e do Grupo Esperança

Com os meus agradecimentos mais sinceros, dedico estas páginas onde estão relatadas do modo mais escrupuloso possível, as manifestações espíritas que foram objeto das nossas pesquisas durante anos a fio, assim como o resultado gratificante que mereceram os nossos esforços.

Henri Sausse

Paris

(1922)



HENRI SAUSSE (1851 - 1928)

Confraria dos Livros Bons



Société Spirite Lyonnaise (1860 - 1945)

A creche espírita que foi fundado em 1904, na Place de la Croix-Rousse nº 08 na cidade de Lyon e era para receber e cuidar gratuitamente das crianças, sem distinção de sexo, religião ou nacionalidade.

Confraria dos Livros Bons

Sumário

- Eu obedeco! (Henri Sausse) — *pág. 08*
- I - Ao grupo “Amizade” — *pág. 14*
- Orgulho e simulação — *pág. 21*
- Escrita direta sob envelope lacrado — *pág. 24*
- Flores e mais flores — *pág. 29*
- Música e Flores — *pág. 33*
- O dispensário do além — *pág. 36*
- Um anel viajante — *pág. 38*
- Ódios póstumos... Reencarnações — *pág. 41*
- O caso da Sra. F. — *pág. 46*
- Últimas manifestações... Moldes em parafina — *pág. 51*
- II - Espiritismo experimental/Recordação do Grupo Esperança — *pág. 55*
- Monsenhor Servonnet — *pág. 61*
- Victorine G. — *pág. 65*
- Origem do anel — *pág. 68*
- Collomb, a fada São João, o Carteiro — *pág. 70*
- Anel de Bedette — *pág. 74*
- A Oração do Grande Vigário — *pág. 80*
- Tribulações e êxito — *pág. 83*
- A corda e a framboesa de Justin — *pág. 88*
- Maquinações e ciúmes — *pág. 90*
- A framboesa de Justin materializa-se — *pág. 93*
- Seguindo os conselhos de Cyclamen — *pág. 97*
- Por quê? — *pág. 103*

III – Conclusão — *pág. 108*

Ode a Allan Kardec — *pág. 114*

Prefácio

EU OBEDEÇO!

Uma ideia vem muitas vezes à minha mente, uma ideia encantadora que me embala nas horas de insônia, e que tende a me fazer admitir que não somente para a minha satisfação pessoal foi que pude obter, durante os meus 50 anos de investigação, os fenômenos mais diversos e também os mais interessantes.

A longa série de manifestações espíritas, que me foi permitido constatarem nas condições mais favoráveis, e o relato que aparece consignado nas atas das nossas sessões, também devem servir para estimular nas suas pesquisas àqueles que foram menos favorecidos e indicar a eles o caminho das condições requeridas para chegar a conseguir esses bons resultados. Vou tentar responder do melhor modo possível a esta voz interior, declarando, primeiro, que as minhas investigações, as minhas pesquisas, não tinham de início nenhum propósito além de me convencer a mim mesmo; que procurei fazê-las com toda a minha boa-fé, com o desejo ardente de chegar a estabelecer uma prova da sobrevivência da alma após a destruição do corpo material, assim como da intervenção dos encarnados na produção de todos os fenômenos espíritas. Como fiel discípulo de Allan kardec que sou, estudei as suas obras e, seguindo os conselhos que delas obtive, dei andamento aos nossos trabalhos. Tive também a sorte de travar conhecimento com alguns bons médiuns que só me trouxeram satisfação, aos quais fico sinceramente grato, pela cooperação assídua, afetuosa e abnegativa

que eles me prestaram submetendo-se a esta primeira condição, a de ser levados ao sonambulismo no início de cada sessão; isto para poder pedir a eles um esforço maior para a produção dos fenômenos, a plena luz, branca ou vermelha e não na escuridão onde os fenômenos são obtidos muito mais facilmente, mas onde é muito mais fácil fraudar, sendo que a minha principal intenção era poder afirmar a absoluta autenticidade dos resultados obtidos.

Graças a este estado de sonambulismo lúcido sempre consegui reparar as fadigas dos médiuns quando, após as longas sessões ou a obtenção de fenômenos materiais, achavam-se esgotados e pediam que atuasse sobre eles com passes magnéticos, para devolver-lhes as forças fluídicas despendidas; e cada vez, antes de despertá-los, certifiquei-me de que não sentiam cansaço algum e se encontravam em perfeita saúde.

Portanto:

1º Todos os fenômenos que desejo relatar foram obtidos a plena luz, branca ou vermelha, e amplamente suficiente para poder enxergar as horas no relógio.

2º Durante todas as sessões, os médiuns foram colocados por mim em sonambulismo, e mantiveram-se em comunicação constante tanto comigo como com os Espíritos Guias que dirigiam, através deles, o desenrolar das sessões.

Estas condições, que sempre mantive, permitem-me afirmar a realidade e a sinceridade de todos os fenômenos que vou expor, e também render homenagem à boa-fé dos médiuns, graças aos quais, reconheço-o, fomos realmente privilegiados.

Antes de empreender o relato das experiências feitas no Grupo Amizade e no Grupo Esperança, para guiar nas pesquisas àqueles que tiverem a vontade, a paciência e a perseverança necessárias para conduzir seus trabalhos a bom fim, e também para secundá-los com

a experiência adquirida, desejo dizer o seguinte:

Não se deve esperar obter resultados notáveis em uma reunião numerosa demais. O propósito das sociedades espíritas não é mostrar aos incrédulos fenômenos extraordinários, e sim divulgar por todos os meios ao seu alcance, como sejam conferências, palestras, distribuição de folhetos, etc., a consoladora filosofia do Espiritismo, chamar a atenção de todos aqueles que duvidam, que sofrem e que buscam, e que têm o coração e a razão insatisfeitos pelos mitos religiosos com que foram enganados na infância; guiá-los para o caminho de uma filosofia positiva que se estabelece não sobre dados metafísicos mais ou menos disfarçados, e sim sobre fatos reais, absolutamente convincentes e rigorosamente controlados; incitá-los a investigar e pesquisar por si mesmos os fenômenos do Espiritismo para que possam deduzir as conseqüências que carregam e basear suas convicções apenas em experiências pessoais, uma vez que nada tem aos nossos olhos tanto peso como aquilo que nós mesmos controlamos. Mas para chegar a resultados satisfatórios, convincentes, é imprescindível colocar-se nas condições requeridas; para tanto há que se criar um círculo restringido de pessoas com desejos e sentimentos em comum, unidas entre si por certa simpatia, certa confiança recíproca. Quando em um grupo estabelecido sobre estas bases e composto de 8 a 15 pessoas no máximo, dos dois sexos se possível, consegue-se obter a harmonia fluídica necessária, estaremos perto de atingir a nossa meta: porém, repito, é preciso comparecer com grande assiduidade às sessões, muita regularidade, muita paciência e muitos esforços sobre si próprios; e ainda fica faltando a participação dos invisíveis que nos auxiliam, sem a qual a produção dos fenômenos seria impossível, ou seria apenas uma farsa; por último, é imprescindível um médium, desenvolvido ou não. Com boa vontade, boa-fé, com amor único pela verdade, o auxílio dos

nossos Guias nunca nos faltará, nossos amigos do espaço sempre estão desejosos de nos comunicarem a sua simpatia e de nos demonstrarem sua presença quando a pedimos.

Levando em conta que em matéria de experimentação não existe nenhuma regra fixa e absoluta, os nossos amigos invisíveis serão, em muitos casos, nossos Guias para nos indicarem a direção a seguir nas sessões, o tipo de experiência a fazer segundo as faculdades desenvolvidas no médium ou médiuns; nessa hora, um bom sujeito magnético seria de grande utilidade, a não ser que exista no grupo um sujeito que entre em transe sob a influência dos invisíveis. Nessa hora, também, um conhecimento aprofundado da obra de Allan Kardec, O Livro dos Médiuns, será imprescindível não só para o chefe do grupo como também para os assistentes, para evitar os escolhos que possa apresentar a prática da mediunidade.

Em geral, primeiro é preciso estudar a filosofia espírita antes de sair à procura dos fenômenos.

É preciso passar, sempre, todas as manifestações pelo cadinho da razão, da consciência; e rejeitar sempre nos escritos mediúnicos qualquer bajulação, qualquer questão de ordem material; um nome apócrifo pode assinar uma mensagem, e será preciso analisá-lo e, acima de tudo, quanto mais respeitável, maior razão para rejeitá-lo, mesmo com a menor das suspeitas. Nas nossas reuniões íntimas, quase sempre são nossos pais, nossos amigos defuntos, nossos Guias que nos auxiliam e se manifestam; quando se apresentar um espírito estrangeiro que não podemos reconhecer, devemos escutá-lo com cautela, principalmente se ele declara um nome que parece ser de algum personagem importante. Os Espíritos superiores não enfeitam seus conselhos com atavios vãos; eles se conformam com nos serem úteis e não tentam nos impor nada com um nome e um título pomposo.

A credulidade de alguns espíritas de boa-fé, mas que se deixam enganar muito facilmente por assinaturas mais ou menos ilustres, tem causado prejuízos demais à nossa filosofia como para não estarmos sempre alertas e não reagirmos energicamente contra a ingenuidade daqueles que aceitam tudo sem controle.

Por tanto, devemos ser sempre prudentes e perspicazes nas nossas experiências; e não renunciar nunca ao testemunho, ao controle da nossa consciência, da nossa razão; somente agindo assim é que poderemos esperar obter resultados sérios e satisfatórios, é que conseguiremos levantar o véu da casta Ísis e indagar no mistério do nosso destino.

Precisamos assimilar que o Espiritismo é um estudo sério e profundo; se queremos conseguir resultados sérios, precisamos gastar tempo e nos esforçarmos muito seriamente.

Alguns cétricos eliminaram o hábito de fazer uma prece no início de cada sessão de evocações. Rejeitando seu misticismo, não compartilhamos essa opinião, pois a prece feita em comum, do fundo do coração e da ponta dos lábios é uma alavanca poderosa, uma força considerável que seria um erro desperdiçar; favorece a comunhão de pensamentos, de sentimentos, sem a qual os fenômenos espíritas quase não poderiam ser produzidos; ao mesmo tempo em que eleva os nossos corações para um ideal sempre superior, favorece a harmonia que sempre deve reinar entre os membros de um grupo de estudos espíritas.

Eu sei que os Espíritos fortes, em busca de alguma entidade quimérica, cantam o “mère gaudichon” ou o “petit navire” para lhe dar forças; é problema deles, nós espíritas entendemos que devemos nos mostrar dignos dos bons Espíritos se queremos que os bons Espíritos nos auxiliem.

Esta é a prece com que, no Grupo Amizade, abrimos sempre a

sessão: “Meu Deus, tem piedade daqueles que sofrem, dá forças aos fracos, saúde aos doentes e alento àqueles que precisam. Permite-nos, Senhor, conhecer os meios para chegar o quanto antes a Ti e dá-nos forças para colocá-los em prática. Permite aos nossos Guias virem em nosso auxílio e nos assistirem com os seus fluídos e seus conselhos nas nossas experiências e nos comprazerem sempre com a sua imprescindível colaboração.”

Acredito que esta evocação nada tem que possa assustar o livre pensamento de um espírita e fazê-lo passar por um místico.

Depois destas explicações que considereei indispensáveis, relato a seguir o detalhe fiel dos resultados obtidos no Grupo Amizade em Lyon, entre 1883 e 1890.

Henri Sausse

I

AO GRUPO “AMIZADE”

Este grupo íntimo era composto, em princípios de Agosto de 1883, de uma dezena de amigos que buscávamos desenvolver, através de um trabalho assíduo, as mediunidades que por ventura pudéssemos ter em estado latente dentro de nós. As nossas reuniões aconteciam duas vezes por semana para o estudo do Espiritismo e a prática do magnetismo curativo. Queríamos primeiro fazer ensaios de tiptologia, mas eles não deram certo. Chegando ao fim de uma daquelas tardes infrutuosas, quando nossas mãos estavam ainda em cima da mesa, fiz um esforço de vontade para atuar sobre uma senhorita sentada na minha frente, para provocar nela o sonambulismo; depois de consegui-lo, pergunto a ela a razão dos nossos fracassos e ela responde: “quando alguém já sabe ler, não precisa mais soletrar. Todos vocês sabem escrever, então escrevam e não percam o tempo nem nos façam perder o nosso”. Seguindo os conselhos dos nossos guias espirituais, deixamos de lado por um tempo os nossos ensaios de mediunidade para nos dedicarmos exclusivamente ao estudo do magnetismo. A jovem, Luisa, que eu adormecera de surpresa uma primeira vez, aceitou de bom grado prestar-se às nossas investigações e transformou-se a seguir em um sujeito com uma lucidez maravilhosa; ela me ajudava com seus conselhos na assistência que devíamos prestar aos doentes e para

que eles pudessem tirar do magnetismo todos os bons resultados que temos o direito de esperar dele.

Durante o sono, Luisa nos dizia muito frequentemente que os nossos guias a levavam por jardins esplêndidos, onde as emanções de flores belíssimas causavam nela um agrado difícil de exprimir e lhe faziam o maior bem. Uma noite, em 18 de janeiro de 1884, acabava de cair no sonambulismo quando viu umas flores mais belas do que era costume. Eu estava em pé diante dela, o apartamento em plena luz; envolvi-a em emanções magnéticas quando disse “oh, que flor tão bonita... Os nossos guias estão dizendo que é para você – pegue-a, respondi. ;Tome, aqui está ela!” Com estas palavras estendeu a mão direita para o meu lado e diante dos meus olhos, a uns 30 cm de distância mais ou menos, vi aparecer e materializar-se em plena luz na sua mão uma esplêndida rosa-chá.

Este inesperado acontecimento encheu-nos de alegria e esperança. Decidimos então continuar com mais ardor se possível, o estudo das manifestações espíritas. No momento exato em que Luisa disse “Tome, aqui está ela!” senti uma violenta sacudida no peito e quando quis pegar a rosa de seus dedos, primeiro tive de fazer parar a catalepsia que invadira a sua mão.

Os resultados, no princípio, coroaram os nossos esforços e mostraram-se muito frequentes e variados no modo de produção. Sempre eram produzidos durante o sono magnético do médium e exceto em duas sessões, a plena luz. De fato, o nosso círculo estava composto somente por pessoas amigas, em busca da verdade com a maior fé e sem motivo nem vontade alguma de se iludirem; ou de nos enganarmos uns aos outros. Um detalhe importante: o médium tinha apenas um conhecimento imperfeito dos fenômenos produzidos pelos médiuns de efeitos físicos. Quando eu falava com ela antes da sessão, Luisa respondia invariavelmente “não vale a pena tentar, o

senhor pede coisas impossíveis, não vai conseguir nada”.

Embora aquela obstinação da médium em duvidar sempre e apesar dos resultados conseguidos, as nossas pesquisas prosseguiram e o êxito, como comprovaremos, superou muitas vezes as nossas esperanças, sustentou e recompensou quase sempre os nossos esforços.

Quando aconteceu o aporte do dia 8 de fevereiro, a mão direita da médium caiu repentinamente em catalepsia como comentei acima. Este fenômeno reproduziu-se no dia 18 de fevereiro, mas desta vez nos foram oferecidas três rosas-chá. O corte do talo estava tão fresco como se acabassem de colhê-las; além disso, estas flores, e as folhas ao seu redor, estavam cobertas de gotículas de orvalho, cujas pérolas brilhavam com a luz como diamantes. O desgaste fluídico foi mais forte e o braço direito da médium sofreu uma contração completa.

No dia 29 de fevereiro de 1884 o tempo estava horrível, um ar glacial lançava ao rosto dos transeuntes grandes flocos de neve; apesar disso todos nos reunimos para a nossa sessão de magnetismo, Luisa estava em sonambulismo e sentada em uma poltrona. Eu estava em pé diante dela quando ela disse: “Olhe ali”. Levantei os olhos para o teto e vi desatarem-se dois galhos de lilás, um deles com flores brancas, e uma esplêndida rosa vermelha, que caíram aos meus pés, à vista de todas as pessoas presentes.

Estes três aportes foram obtidos no apartamento ocupado pela médium; esta circunstância inquietava Luisa pela facilidade com a qual algumas mentes zelosas acusam de fraude, nesta matéria, àqueles com melhor desempenho. Com a finalidade de proteger de qualquer dúvida injustificada a boa-fé da médium e estabelecer a

autenticidade dos fenômenos obtidos, os nossos guias nos recomendavam observar esta condição essencial, que nunca tinha falhado: “Se as flores, diziam, fossem aportadas de modo fraudulento, enganoso, isto seria percebido com facilidade examinando com atenção as pétalas, as corolas, as folhas principalmente, que estariam mais ou menos amassadas e mostrariam evidentes sinais da compressão exercida sobre elas. Porém estas outras são absolutamente intactas; além disso, sempre estarão cobertas de orvalho.” Apesar dessa afirmação, a médium pedia aos nossos guias para o fenômeno sempre se produzir na minha casa, onde nunca havia flores. Seu desejo foi cumprido no dia 24 de março de 1884. Naquela noite eu e a médium fizemos enormes esforços, mas infrutuosos ao que parecia, para obter um buquê que Luisa dizia estar vendo diante de si. Estávamos cansados quando ela me disse: “é suficiente, magnetize os nossos amigos; talvez possamos conseguir estas flores no final da sessão.” Segui seu conselho, porém, no final da sessão, vendo a médium um pouco afetada com a perda de fluidos no princípio, acordei Luisa sem tentar obter a materialização das flores vislumbradas.

Então me propus a magnetizar a água que se encontrava dentro de garrafinhas e que estava destinada a cada uma das pessoas presentes. Quando terminei, mostrei a essas pessoas a garrafa destinada à minha mulher, onde o magnetismo tinha produzido miríades de glóbulos que giravam em todos os sentidos. Estávamos todos reunidos diante da lâmpada para observá-la, quando de repente uma força intuitiva e potente me obrigou a dizer à médium: “O buquê está aí, pegue-o”. Então todo o mundo se inclinou para olhar o lugar indicado. “Não existe buquê algum, disse minha mulher, que o procurava com a lâmpada na mão. – Sim, disse Luisa. ¡Oh, sim, vejam!” – No entanto, ninguém podia vê-lo. Então vimos como ela se

abaixava, recolhia qualquer coisa no vazio e depois se endireitava segurando na mão o buquê, materializado enquanto ela o recolhia. Estava formado por cinco rosas esplêndidas, e unidas entre si por um pequeno laço de junco. A médium estava acordada quando se inclinou, mas quando se endireitou segurando o buquê, um sono espontâneo tomava conta dela e seu corpo caiu em catalepsia. Rapidamente contive aquele estado e a través de passes e insuflações magnéticas consegui restabelecer o equilíbrio.

“Qual é a causa, perguntei à médium, que promove esse estado cataléptico?”

“É a perda de fluidos vitais necessários para o trabalho de materialização; quanto mais brusco o meu desgaste fluídico, mais a contratura será generalizada, e se você não estivesse aqui para me ajudar a restabelecer o equilíbrio, eu não poderia conseguir isso sozinha, ou então a minha saúde ficaria seriamente alterada. Para conseguir chegar a produzir esses fenômenos, preciso não somente uma grande quantidade dos meus próprios fluidos, como também dos seus, aqueles que você me fornece ao me magnetizar, ou que eu tomo de você e das outras pessoas presentes, no instante em que o trabalho de materialização é realizado. É um trabalho muito delicado, muito complicado, do qual não me dou conta o suficiente para poder explicá-lo hoje, porém que é muito interessante; fique só com que um sem o outro nada poderíamos obter.”

No dia 8 de abril de 1884, durante a reunião em minha casa, deveríamos ter obtido, segundo a médium, um maravilhoso buquê tricolor. “Eu posso vê-lo, dizia ela, é esplêndido; porém é inútil insistir, não me acho com a força suficiente para poder recolhê-lo. Acorde-me”. Respondi ao seu pedido e a sessão terminou. De volta ao seu apartamento, Luisa queixava-se às pessoas que a acompanhavam

de não a termos acordado o suficiente; sentia-se ainda adormecida e como envolvida em uma atmosfera fluídica que fazia os seus movimentos pesados e que pareciam opor resistência à sua partida. Quando chegou à sua residência com sua mãe adotiva, Sra. M..., com o ar fresco clareando a sua mente não mais se sentia pesada e quase tinha voltado ao estado normal.

A Sra. M... foi dormir rapidamente, deixando a sua protegida a dedicar um tempo maior ao asseio. De repente a Sra. M... ouviu um grito agudo e depois o barulho de um corpo caindo no chão. Levantou-se precipitadamente para ver o que estava acontecendo. Não encontrando Luisa no seu dormitório nem na sala, chamou-a repetidamente sem obter resposta alguma; já ia ficando cada vez mais inquieta quando viu Luisa enrolada nas dobras do cortinado da porta de passagem. Estava com o joelho esquerdo no chão, a mão direita fortemente apoiada no coração o braço direito levantado e segurando um enorme buquê, o corpo inteiro em catalepsia.

Com grande dificuldade a Sra. M... conseguiu tirar Luisa daquela posição e fazê-la deitar-se na cama.

Alertado no dia seguinte do que tinha acontecido, fiz Luisa dormir para obter a explicação daquele fenômeno.

Esta foi sua resposta:

“Como disse a vocês, deveríamos ter conseguido esse buquê em sua casa, ontem à noite, porém fui entorpecida por influências ocultas e sentia-me fraca demais para vencê-las. No entanto, o trabalho estava quase acabado; por essa razão os nossos amigos quiseram, a pesar de tudo, me dar esse buquê, tão logo como recuperei as forças. Estava diante do espelho da sala, trançando o cabelo quando vi refletir-se um ponto luminoso; voltei-me para determinar a causa daquilo e reconheci o nosso guia magnetizador que me entregou o buquê. A surpresa foi tamanha que lancei um grito e caí de joelhos

em catalepsia.” Se um fato assim tivesse de se repetir, qual seria a maneira mais rápida de fazer desaparecer a catalepsia?

“Isto não tornará a acontecer, porque, com você ausente este estado poderia ser perigoso para a minha saúde; nossos amigos o compreenderam um pouco tarde demais, porém não tornarão a repetir o fato”.

Este buquê estava composto de seis galhos de lilás branco, duas rosas brancas, quatro vermelhas e doze galhos de miosótis.

Todos estes detalhes que indico, estão consignados no nosso livro de atas; de fato, conservei uma lembrança tangível de cada um destes fenômenos. As flores foram dissecadas e colocadas em cartolinas especiais, onde estão coladas, e por trás de cada uma delas aparece o relato detalhado das condições e natureza de cada aporte e o nome das testemunhas que podem certificar a sua autenticidade.

No dia 29 de abril tivemos uma sessão em plena luz e obtivemos sete rosas.

Orgulho e simulação

No começo do Grupo Amizade, o meu amigo, Sr. Laurent de Faget era muito assíduo das nossas reuniões. Uma noite, quando chegou, perguntou-me: “Você leu a Revista Espírita deste mês? – Não, por quê? – porque contém uma comunicação assinada por George Sand (1), que nada tem a ver com o estilo desse autor, que é mais do meu agrado do que muitos outros, parece-se menos com o estilo dele do que um burro com um bispo!

– Para o burro vai ser indiferente, disse rindo, mas pouco lisonjeiro para o bispo! E acrescentou: Escrevi ao Sr. Leymarie (2), para lhe dizer que não compreendia como a revista podia publicar tais loucuras.”

(1)George Sand.

(2)Pierre Gaëtan-Leymarie.

Na reunião seguinte, de Faget me diz: “¿Você conhece em Lyon uma médium chamada Marguerite? Conheci muito bem na casa do Sr. Finet lá para 1874, uma médium com esse nome, porém perdi-a de vista a partir de então e pelo que posso lembrar, sentia-se muito envaidecida pela mediunidade que possuía e deixou de assistir às reuniões porque as comunicações dela não eram levadas em conta como ela gostaria que fossem. – Olhe aqui, então, leia esta resposta ao assunto da comunicação assinada por George Sand. – Então, li: “Estimado Sr., não tenho tempo a perder com apreciações como as suas, os Espíritos que me guiam são elevados demais para se rebaixarem a discutir com pessoas de baixa estofa como você”. ¿O que você acha? Acredito que o orgulho sempre é um muito mau

conselheiro.

Levando em conta os resultados que eram obtidos pelo nosso pequeno grupo de dez pessoas, fomos crescendo e logo chegamos a ser vinte e depois vinte e cinco, sem saber muito bem com quem estávamos a tratar. Entre os novos, estava a Sra. G..., que tinha uma instrução muito básica, porém era boa médium e conseguia excelentes comunicações escritas com uma ortografia fonética, muito pouco realista. Gostávamos dela, porque seus ditados eram verdadeiras páginas de literatura e até de eloquência que surpreendiam e encantavam a nós todos.

Certa noite, sozinho em casa, eu estava lendo perto do fogão da minha cozinha, e escutei um barulho singular; parecia o barulho de sucata a se mover dentro de uma saladeira. Pego a lâmpada na mão e começo a procurar a causa daquele barulho, mas não enxergo nada que possa me dar noção do que está acontecendo. Continuo na leitura, mas dali a um instante o mesmo barulho torna a se ouvir. Vou de novo procurar, com mais atenção, porém sem êxito. Então pensei que talvez fosse um aviso que alguém está querendo me dar. Se for isso, falei, façam de novo, e a seguir o barulho voltou a se deixar ouvir pela terceira vez e então escrevo: “Estão te enganando, não diga nada, porém observe e acabará por descobrir.” Assinado, teu avô. E o mesmo barulho acontece, pela quarta vez. No dia seguinte, dia da sessão, acabava de colocar Luisa em sonambulismo, quando ela me diz: “Seu avô está perto de você, ele é que veio à sua casa na noite de ontem: observe e verá”. Não precisei esperar muito. Na segunda reunião depois dessa, a Sra. G... leu uma comunicação de um lirismo sublime; porém à medida em que ela ia lendo, um ronrom aparecia no meu cérebro e quando ela terminou a leitura, pergunto a ela: “quem assina é Chateaubriand (3)? Sim, senhor, justamente. – É o rouxinol. – Sim. – Aprendi este texto na escola, em um livro de

trechos escolhidos em literatura!...

(3)Chateaubriand.

A mulher ficou vermelha como uma crista de galo e não tornou a aparecer em nossas reuniões. Ela tinha umas meninas que aprendiam na escola, em um livro, as páginas dos mestres da nossa língua; quando ajudava as meninas a memorizá-las, ela também as aprendia e depois as escrevia como podia; no entanto, ela era médium; deu provas sérias disso depois, mas só para aparentar e atrair lisonjas, ela falsificava uma faculdade verdadeira e a transformava em uma faculdade simulada. Lisonjear os médiuns é fazer que se percam, não devemos lisonjeá-los nunca se não queremos que eles nos enganem, devemos estar sempre alerta.

Escrita direta sob envelope lacrado

Depois de ler as mensagens recebidas pela escrita direta sob envelope lacrado tomei a iniciativa de ensaiar esse modo de manifestação oculta.

Em 2 de maio de 1884 recebi dessa maneira uma mensagem bem curta, mas que me interessou bastante. Tendo os resultados que conseguíamos no Grupo Amizade provocado alguns ciumentos, este fenômeno foi atribuído, como os anteriores, a enganação de um médium. No intuito de dar fim aos comentários mal-intencionados que circulavam sobre esse assunto e estabelecer de maneira absoluta a autenticidade daquele fenômeno, em 6 de maio, com todos os nossos amigos reunidos, mandei alguém a uma papelaria buscar papel de carta tamanho grande. Tiramos uma folha qualquer, dentre as folhas do bloco; foi examinada por todos, um por um, depois dobrada em quatro e colocada dentro de um envelope fechado com lacre. Cada uma das pessoas presentes assinou depois sobre o próprio fechamento.

Como não ocorresse fenômeno algum durante a sessão, coloquei o envelope entre duas placas de papelão e guardei-o no bolso. Conservei-o assim por três semanas, dando-o ao médium somente quando estava em sono magnético e retirando-o antes de acordá-lo. Em 30 de maio foi-nos anunciado que podíamos abrir o envelope, o qual continha duas comunicações, uma de um amigo e outra do meu avô. Detalhamos a seguir as duas mensagens, bem como as atas de fechado e abertura do envelope. Além da importância dos fatos, terão

a vantagem de dar a conhecer a maioria das testemunhas que assistiram à produção dos fenômenos observados no Grupo Amizade.

Em Lyon, 6 de maio de 1884.

Os abaixo-assinados reconhecem que em sua presença uma folha de papel de carta branco, sem nenhum sinal de escrita, foi ante os seus olhos, dobrada em quatro e a seguir colocada em um envelope, e este fechado depois com cera; a meta é conseguir conselhos dos seus guias através da escrita direta, e poder afirmar em voz alta que na produção deste escrito não houve fraude possível.

Assinaram: Henri Sausse, M. Moissonnier, Clotilde Sausse, Marie Boverie, Charles Boverie, Julia Sallier, Vda. Garnier, A. Dayl, Louise P..., M. Guillet, V. Deschamps.

Depois de constatar que o envelope estava absolutamente intacto, os abaixo-assinantes declaram que ante os seus olhos, ao abrir o envelope, foi retirada a folha de papel coberta de escritura. Havia duas comunicações, uma de um amigo, a outra do avô do Sr. Sausse. Assinaram: V. Deschamps, M. Moissonnier, M. Guillet, A. Dayl, Vda. G. De Chaignon, J. Sallier, C. Boverie, Marie Boverie, Vda. Garnier, Louise P..., M. Hugonet, Clotilde Sausse, Henri Sausse.

“Meus amigos,

A verdadeira religião é aquela que nos leva a admirar, a adorar a grandeza e magnificência imensa da causa primeira de todas as coisas. Aquela que dá um conhecimento exato de Deus, aquela que se eleva a Deus no mais alto do seu esforço e que faz o homem sentir sua miséria e seu nada, mas apesar disso outorga a ele os meios para se elevar, ensinando-o a colocar sua confiança em Deus, o Mestre Supremo. Por tanto, estudem o Espiritismo; graças a ele aprenderão a substituir o egoísmo por amor ao próximo; graças a ele,

encontrarão a fonte de todas as coisas, saudáveis e verdadeiras. Por que esta, dirão vocês, e não outra? Porque é a obra de Espíritos lúcidos e clarividentes, porque, em uma palavra, não é a concepção própria do homem, e sim de uma multidão de Espíritos que desejam a vossa evolução. Assim, não o percam de vista. Em hipótese alguma devem suportar modificações na doutrina, porque tentar mudá-la seria para acrescentar a ela formas materiais que ela não precisa. Que adiantaria lutar contra a matéria se para falar com Deus é o que utilizais? Conservai-vos, então, na guarda fiel da vossa querida crença e estaremos todos satisfeitos.

Para conseguir conservar a vossa doutrina intacta, deveis lutar por muito tempo, segundo creio; mas não importa, pensai que amigos vossos se unirão ao vosso trabalho. Sempre estaremos felizes de transmitir os nossos conselhos quando nos pedirem. Então, coragem! Tendes inimigos reais, não descuideis nada para desmascará-los; não se deve perder tempo com as enganações e fareis um favor a eles e à sociedade inteira se os levais para a luz. Porém, deveis ser indulgentes e levar em conta as fraquezas a que a nossa pobre humanidade vive exposta.

Adeus. Amo-vos. Um Amigo.”

“Henri, seja perseverante, não desanime nunca porque é pela evolução moral que está agindo; pode ter certeza de que sempre vai ter ajuda. A sua sonâmbula disse um dia que vos seriam prometidas belas coisas se seguissem os nossos conselhos; dizendo isso, ela era um eco fiel do nosso pensamento. Cada coisa chega no tempo certo. Lembre, aquilo que não chega a uma hora dada, vai chegar a outra.

Seu Avô”.

Relato aqui estas comunicações apenas pelo modo em que nos foram dadas, sem atribuir a elas maior valor daquele que têm; porém

elas nos propõem problemas da maior importância.

Quando eu, como médium, escrevo uma comunicação, vou atribuí-la a um Espírito familiar, que me fez escrevê-la. “Falso, não foi um Espírito familiar quem a ditou, dirá um sábio, o autor é o seu inconsciente”. Outros, mais sábios ainda, vão dizer que a causa é o meu subconsciente, a minha consciência subliminal ou octogonal, sei lá, um monte de nomes novos que não significam nada, apenas que rejeitam a influência dos Espíritos, dos nossos caros falecidos, na interpretação dos seus escritos. Mas no caso presente, como poderia o meu inconsciente ou o inconsciente do médium, fazer emanar essas duas comunicações e escrevê-las ele mesmo diretamente sobre o papel, dentro de um envelope fechado, lacrado com cera? E o que é mais estranho ainda, o fato de apesar de o papel estar dobrado em quatro, a primeira comunicação ser escrita no sentido das linhas, com uma letra fina e pequena, e a segunda, a do meu avô, em caracteres grandes e no meio do papel. A letra desta última parece-se tanto com a do meu avô que um dia, em que estava mostrando-a ao meu amigo de Reyle, minha mãe que passava por ali reconheceu a letra do sogro e disse: “Ora, mas se esta é a letra do pai Verdelet!”

Eu não sou nenhum sábio, só um simples espírita convencido por uma infinidade de provas reveladoras; em vez de ocultar com nomes novos ou burlescos uma verdade que nunca se deseja admitir, continuo absolutamente convencido de que esta manifestação que nos encheu de alegria, teve como única causa a intervenção dos amigos do além. De fato, eles deram-nos muitas outras provas da sua presença entre nós.

Como último detalhe, acrescentarei que quando o envelope foi aberto, a escrita era de uma cor cinza escura; mas a partir de então foi ficando mais clara e está desaparecendo cada vez mais.

Com que teria sido escrita e como?

Repito isto mais uma vez porque é um ponto essencial que os meus leitores devem assimilar bem; quando prossegui as minhas experiências, não era para me gabar ou tirar proveito; os meus médiuns sempre mostraram absoluto desinteresse e se continuei as minhas pesquisas durante tanto tempo e com tal assiduidade, foi para a minha satisfação pessoal e para me convencer eu mesmo, antes de tentar convencer os outros, e sobre isso eu também não conto, porque a gente só pode realmente se convencer através das provas que a gente mesmo consegue. Então essas provas, se realmente as desejam, procurem vocês mesmos e frequentemente as encontrarão bem mais convincentes quanto mais insignificantes parecerem.

Flores e mais flores

Em 6 de maio de 1884, nossos amigos teriam desejado nos oferecerem algumas flores, porém o médium não conseguiu materializá-las. O aporte aconteceu no dia 16 de maio. Estava ele composto de seis rosas-chá, duas rosas vermelhas e cinco cravos. Com a circunstância particular de que uma das rosas desfolhou-se ao se materializar; e mais três secaram antes de finalizar a sessão, apesar de estarem bem fresquinhas no momento em que foram recebidas.

Em 11 de julho de 1884, nosso amigo o Sr. Alexandre Delanne, que estava em Lyon de passagem, pediu-nos permissão para assistir uma das nossas sessões. Aceitamos o pedido com a ressalva de que os fenômenos não acontecem pela nossa própria vontade, e sim quando os nossos guias podem realizá-los. Não podíamos prometer a ele outra coisa além da concorrência do nosso mais ardente desejo. Apesar disso a sua espera não foi em vão, pois testemunhou o aporte a plena luz de um buquê formado por dezessete rosas de diversas cores e de um pequeno ramalhete de magnólia com seis amplas folhas e uma flor enorme.

Em 8 de agosto de 1884, recebemos, caindo do teto a plena luz, um buquê formado por quinze rosas de diversas espécies; quinze talos de miosótis e quinze talos de reseda.

Podemos notar que nestes aportes de flores são sempre as rosas que dominam. Este é o motivo: o principal agente destes aportes era

o Espírito do meu avô, que quando em vida sempre tivera marcada predileção por essas flores e que na erraticidade tinha conservado essa preferência.

Outro ponto que em várias ocasiões nos tem chamado a atenção e a dos nossos guias é que em presença destes buquês enormes que às vezes recebíamos, perguntamos aos nossos amigos se estas avalanches de flores não poderiam causar prejuízo ao jardineiro que as cultivara. Não se preocupem por isto, elas foram colhidas por nós em lugares onde se acham ao ar livre e não pertencem a ninguém e, portanto, são para todo o mundo, para nós e também para aqueles que formam com elas enormes buquês, conforme a estação. Mas ¿que aconteceria se na hora em que vocês vão pegar uma flor, uma pessoa viva passasse por ali com a mesma intenção e visse como ela desaparecia diante dos seus olhos? Ficaria bastante surpresa, mas isto não vai acontecer porque surgindo a ocasião, nós o evitaríamos.

Em 29 de agosto de 1884, Luisa, adormecida diz-me: “O seu avô está aqui; quer lhe escrever algo”. Peguei um lápis e enquanto transcrevia a mensagem com a mão direita, segurava com a mão esquerda as duas mãos juntas da médium para lhe dar forças. Sem que Luisa tivesse feito o menor movimento para se soltar, senti um corpo escorregar entre os meus dedos. A seguir olhei e vi uma enorme rosa vermelha coberta de orvalho. Um instante depois, a médium sempre em sonambulismo, pegou as duas mãos da pessoa sentada à sua esquerda, Sra. D..., e enquanto as duas conversavam sobre um filho que falecera muito novinho, a Sra. D. recebeu deste filho duas rosas que se materializaram em suas mãos.

Em 19 de setembro meu avô me deu de presente cinco rosas.

De volta em Paris, o Sr. Alexandre Delanne comentou os resultados que conseguíamos no grupo Amizade e a maneira realmente surpreendente em que se produziam. Um dos seus ouvintes, o Sr. Mikelis Di Rienzi, muito cético, não acreditava na possibilidade de tais fenômenos. Porém, como a sua curiosidade estivesse muito excitada, aproveitou a primeira ocasião para vir constatar, com os próprios olhos, esse tipo de manifestação dos Espíritos. Seu ceticismo não durou muito, tendo logo de reconhecer a evidência do fenômeno, o qual fez de bom grado.

Depois de uma viagem a Lyon, em 7 de outubro de 1884, da qual a revista O Espiritismo publicou uma ata, o Sr. Mikelis Di Rienzi dispõe-se para homenagear a boa-fé da médium. Sendo os assistentes a esta reunião muito numerosos para a nossa sala que era muito estreita, foi preciso retirar um piano que se achava na sala para poder dar cabida a todo o mundo, e colocá-lo em uma alcova. Meu irmão, o Sr. Boverie e eu fizemos essa operação; eu sabia, portanto, que não havia nada sobre esse piano que acabávamos de mudar de lugar. Poderão imaginar a minha surpresa, a minha legítima irritação quando, ao início da sessão, tendo-me levantado para colocar em cima do piano o chapéu do último visitante, encontro sobre ele uma esplêndida rosa-chá.

Pensando tratar-se de uma brincadeira de mau gosto, peguei a flor e joguei-a sobre o velador que se achava no meio da sala e disse: “não entendo por que colocaram essa rosa em cima do piano nem o propósito de quem fez isso; não estamos aqui para nos enganarmos e sim para constatar a produção de fenômenos, estranhos admito-o, porém perfeitamente autênticos. Temos a prova de que estes fatos são possíveis; não existe, portanto, motivo algum para simular qualquer coisa.”

Todos me olhavam surpresos, sem entender o sentido das minhas

palavras, quando uma das assistentes, Sra. Dousdebes, situada em frente de mim, na outra ponta da sala, disse: “Luisa acaba de adormecer no preciso instante em que esta flor passou por cima da cabeça dela”.

“De onde vem esta flor?”, perguntei à médium em transe.

“É uma surpresa que os nossos amigos quiseram nos dar; esta flor foi colocada ali pelos nossos guias para você; não acuse ninguém e fique com ela para si: teremos mais em alguns instantes”.

O fato confirmou-se e o Sr. M. Di Rienzi levou como lembrança uma rosa que viu como estava sendo materializada na mão da médium.

Assim termina seu relato na revista O Espiritismo (1^a quinzena, novembro 1884):

“Afirmo ter visto com os meus próprios olhos, digo com certeza ter visto o aporte desta última flor, sem que a médium tenha feito o menor gesto que desse pé para suspeitar de uma hábil mistificação, sem que ninguém da sociedade tivesse feito o mínimo movimento pelo qual fosse possível pensar em uma atuação secreta, e constatei, além disso, a completa catalepsia de Luisa no momento em que foi produzido o fenômeno.

“Nunca teria me atrevido a afirmar tais fatos, se eu mesmo não os tivesse presenciado, junto com mais vinte pessoas; e diante disso, acredito que é meu dever comunicá-lo, para conhecimento dos nossos leitores e como testemunha do meu arrependimento por ter negado eu mesmo durante tanto tempo a realidade dos aportes.”

Assinado: Mikelis Di Rienzi.

Música e Flores

Repetidas vezes, os nossos guias tinham feito Luisa, em sonambulismo, tocar ao piano trechos muito bonitos. Algumas vezes, aos acordes do piano vinham se unir os de uma cítara cujas cordas nós víamos vibrar apesar de que ninguém as tocava. Em 31 de outubro de 1884, o resultado foi mais concludente, pois um trecho de uma suave harmonia foi executado sem a intervenção de nenhum instrumento.

No número do dia 1 de dezembro da revista O Espiritismo, a Sra. Charbonnel, testemunha ocular, relata o fenômeno assim:

“Estamos felizes de anunciar a vocês que na sexta-feira passada, dia 31 de outubro, no grupo Amizade, obtivemos dos nossos amigos do espaço efeitos musicais extremamente relevantes.

Os acordes de uma harpa fluídica fascinaram os nossos ouvidos por alguns minutos. É a primeira vez que este fenômeno ocorre em presença de vinte e duas pessoas que, de fato, estão dispostas a autenticá-lo.

A disposição do apartamento e o fato de ter ocorrido em plena luz do dia não podiam permitir fraude algum; nós nos sentimos realmente satisfeitos desta harmonia verdadeiramente celestial que, de modo singular, foi ouvida por cada um de nós como se viesse do piano, da janela ou da porta.

Para cada um de nós, esta harmonia parecia partir de pontos

diferentes, mas foi percebida por todos muito claramente.”

O aporte seguinte aconteceu no dia 13 de fevereiro de 1885. Naquela noite, eu tinha duas pessoas adormecidas, a Luisa e a Sra. Maria. As duas médiuns estavam abraçadas entre si pela cintura. Luisa ajudava a Sra. Maria a deixar-se levar a um transe mais completo; mostrava-lhe sua mãe, que tentava convencê-la para seguir por esse caminho onde andaria de surpresa em surpresa. Para alentá-la a seguir, a falecida mãe da Sra. Maria depositou dois raminhos de lilás sobre seus joelhos, em plena luz.

A faculdade da médium, durante aquele ano de 1885, sofreu uma pausa: o segundo aporte não chegou a nós antes do dia 13 de julho, dia em que meu avô me entregou, no dia do santo do meu nome, uma preciosa rosa branca. Nos meses seguintes daquele ano ocorreu uma série de eventos que puseram em perigo muitas vezes a vida da médium, mas que conseguimos superar felizmente graças ao magnetismo que provocou em muitas circunstâncias verdadeiros prodígios, quase ressurreições. As tribulações de todo tipo, passadas pela médium, a ausência que qualquer fenômeno durante tanto tempo, tinham desanimado Luisa completamente. Tal estado de espírito era penoso, tanto para ela como para aqueles que dela se aproximavam. Decidi energeticamente tentar devolver a ela a confiança em si mesma, empregando todas as minhas forças em fazer que ocorresse um fenômeno qualquer.

É nessas condições que, no dia 2 de fevereiro de 1886, digo a Luisa, que estava em sonambulismo: “os nossos guias estão aí? – Sim – Para nos demonstrarem que continuam nos protegendo e para devolver a você essa confiança em si mesma que perdeu, suplico a eles que nos

tragam um aporte no dia de hoje: de qualquer natureza, tanto faz, para termos a prova de que eles continuam a nos assistir.”

Então a médium estendeu a mão aberta sob a luz forte de uma lâmpada e disse-nos: “Olhem”. Sem mover a mão do lugar, sem que deixássemos de observar, vimos no centro da sua mão, formar-se uma nuvenzinha do tamanho de um ovo; esta nuvem condensou-se e repentinamente transformou-se em uma violeta de Parma, que encheu o apartamento de requintado perfume.

Este fenômeno, respondendo ao nosso desejo ardente, e vindo dessa maneira, em condições inatacáveis, culminar a nossa espera, poderá parecer mais estranho ainda do que aqueles que já citamos anteriormente; nem por isso deixa de ser igualmente idêntico e vinte testemunhas poderiam garantir que viram o seu desenvolvimento e produção.

Em 16 de fevereiro de 1886, tendo a médium recuperado a confiança, recebemos duas rosas cobertas de orvalho; colocadas por nós em um vaso em cima da mesa, e sem que tivéssemos voltado a tocá-las, uma delas secou no decorrer da sessão.

O dispensário do além

Em 16 de fevereiro de 1886, sentindo-me cansado ao início da sessão, com ardores de estômago, pergunto aos nossos guias, a través da médium em transe, o que devo fazer para acalmar as dores que estou sentindo: “Espera, responde Luisa, os nossos amigos vão nos dar um remédio. Estou vendo-os. Estão juntando os fluidos. Estão condensando-os para formar umas pequenas pérolas fosforescentes. Como são lindas... são como pílulas... Tome, aqui estão elas! Com estas palavras estende os braços à sua frente e em suas mãos em catalepsia, ou sobre o tapete, encontramos 19 pílulas que fui tomando conforme as instruções que me foram dadas.

Em 23 de fevereiro, o mesmo fenômeno estava prestes a produzir-se e pergunto aos nossos guias onde poderia encontrar as tais pílulas, para evitar à médium o cansaço que ocasionava a ela a materialização das mesmas. “Parecidas a essas não vai poder encontrá-las em nenhuma farmácia, respondeu-me Luisa: os nossos guias as preparam especialmente para você”. Naquela noite deram-me vinte. Em 26 de fevereiro recebi 22. Destas últimas somente guardei uma, como lembrança desse fenômeno; guardo-a junto com os outros aportes que já relatei anteriormente, dos quais conservo uma preciosa coleção. Desde então, a pequena pílula que eu colocara em um tubinho de vidro reduziu seu tamanho a menos da metade.

O efeito produzido por aquelas pílulas foi rápido e radical e a partir

de então e naquele sentido, não tornei a sofrer novas fadigas.

Estes aportes de pílulas já se tinham produzido nas mesmas condições em 13 de janeiro de 1885, quando a Sra. Boverie recebeu três delas. Em 27 de janeiro de 1885, a Srta. Salier tinha recebido onze, e cada uma delas fez-lhe um grande bem. Nossos amigos quiseram demonstrar com isso que sabiam, em se apresentando ocasião, fazer alguma coisa de útil, além de agradável. Também naquela época recebemos um curso de higiene bastante interessante: foi ditado à médium por um médico da grande armada, que nos anunciou, dentre os fluidos que compõem a atmosfera, a descoberta do argo e de outros fluidos ainda ignorados na época.

Um anel viajante

Durante o transcurso de 1886, os nossos esforços foram infrutuosos.

Eu tinha pedido aos nossos guias se poderiam unir, passando matéria através da matéria, três anéis sem solução de continuidade; um de marfim, outro de madeira de bucho e o terceiro de madeira branca, para formar uma cadeia. Mas não conseguimos.

Os anéis estavam dentro de uma caixinha sobre a qual o médium pousava as mãos; em várias ocasiões pudemos ouvir os anéis se chocarem entre si, mas sem chegarem a se unir.

Tendo mudado temporariamente de local para as nossas reuniões, uma tarde de setembro, um dos anéis foi transportado para a casa do meu irmão, onde nos encontrávamos reunidos. A médium disse-nos que, seguindo o conselho dos nossos guias, seu espírito se separava e viajava a 500 ou 600 metros dali até o apartamento onde estavam os anéis; pôde ver a caixa onde estavam, pegou um deles que se desmaterializou e dessa maneira foi transportado. Depois, materializou-se de novo e caiu do teto na sala onde nos encontrávamos.

“Durante a desmaterialização, disse-nos Luisa, posso ver as moléculas que compõem as coisas separarem-se uma por uma, porém conservando cada uma a sua respectiva posição. Então ficam de proporções muito maiores, mas a forma inicial não muda.” Neste

novo estado que ela chama de fluídico, estes objetos não estão mais submetidos às leis ordinárias da gravidade e da impenetrabilidade. Podem atravessar a matéria sem deixar sinais e conservar-se indefinidamente sem alteração. Para a materialização verifica-se o fenômeno contrário: as moléculas que compõem o corpo recuperam seu lugar inicial; mas este trabalho é executado bruscamente e causa no médium uma perda às vezes bastante grande de força psíquica. Conforme o esforço seja maior ou menor, a catalepsia é parcial ou completa. Porém, qualquer que seja o fenômeno, é obtido graças às forças do médium e sua saúde poderia ficar alterada se estes fatos fossem produzidos com excessiva freqüência. Por esta razão os médiuns de efeitos físicos precisam recuperar as forças, antes de tentar produzir novas manifestações, novos fenômenos.

Em 11 de janeiro de 1887 retornamos ao nosso antigo local de sessões. Como sinal de boas-vindas os nossos guias ofereceram à médium uma rosa branca.

Em 25 de janeiro de 1887, nosso amigo Gabriel Delanne, de passagem em Lyon, perguntou-nos se poderia assistir uma das nossas reuniões. Aceitamos o pedido e estávamos conversando, antes de começar a sessão, sobre os fenômenos ocorridos, quando o anel foi transportado para a casa do meu irmão.

“O anel, disse este último, ainda está em minha casa; vi-o ainda há pouco, porém não seremos nós a trazê-lo, deverá voltar pelo mesmo caminho.” Onde está ele exatamente? Perguntou o Sr. Delanne. Pendurado de uma relojoeira na chaminé da sala de jantar, à direita; posso garantir que está ali porque toquei nele antes de vir para cá. Sinto-me curioso para ver como ele volta esta mesma noite, acrescentou o Sr. Delanne.

Naquela mesma noite tentamos obter esse resultado. A médium, em sonambulismo, vê o anel no lugar indicado. Com o auxílio dos nossos

guias ele é facilmente desmaterializado e trazido de volta para a sala onde estávamos, porém todos os esforços para tornar a materializá-lo foram em vão. O Sr. Delanne não admite que a matéria possa mudar assim a sua natureza; está convencido de que o médium só trouxe o duplo fluídico do anel, e que o anel deve continuar no lugar de origem. Começamos a dialogar sobre o assunto e como não chegamos a acordo, o Sr. Gabriel Delanne propõe irmos até a casa do meu irmão para nos certificarmos da realidade do seu modo de ver as coisas. Aceitamos a idéia e deixamos que ele entrasse primeiro no apartamento, que conhece muito bem; dirige-se ao lugar indicado, onde pensa encontrar o anel, porém o lugar está vazio, o anel não está mais ali; procura-o, mas em vão, o anel desapareceu.

Somente no dia 1 de fevereiro conseguimos recuperar o anel no estado normal, quando Luisa o pegou do ar, em sonambulismo.

Ódios póstumos... Reencarnações

Em 12 de abril de 1887, seguindo o pedido da Sra. Comte-Calixte, nós pedimos aos nossos guias que nos ajudassem a obrigar um Espírito a se manifestar, um Espírito que exerce obsessão sobre uma médium, compelindo-a ao suicídio. Este Espírito cheio de ódio e ciúmes não é outro senão a cunhada da médium. A esta última tudo parece garantir uma existência tranquila e feliz e isto poderia ser conseguido por ela se não fosse por esse espírito obsessivo, o qual, tendo falido nos negócios, tomara a decisão de dar fim aos seus problemas suicidando-se. Compelida por um ódio feroz, a suicida não tem paz nem repouso: dia e noite tenta incutir essa idéia fixa no cérebro da cunhada: “Sou uma infeliz, quero, devo eu também, me suicidar.” O resultado desta evocação foi uma sessão bem confusa, decorrente da perturbação que traz para a harmonia dos fluidos a presença de um ser que é mau. Este último, furioso pela nossa intervenção e querendo vingança, ameaçava-nos de diversas maneiras; tive de colocar em catalepsia os braços e pernas de Luisa para evitar uma cena de pugilato. “;Se pudessem ver, como eu, a ferocidade do seu aspecto, ficariam assustados, disse-nos Luisa, ficariam assustados. Tome, está pegando um punhado de cascalho que vai lançar na sua cara!” – “Não me fez muito mal”, respondi e ao mesmo tempo ouvimos como caíam e ricocheteavam na madeira do assoalho duas pedras pequenas.

Para conduzir este Espírito mau por outros caminhos, precisamos mais de seis meses de conselhos, de exortações, de boas palavras e cuidados; mas felizmente conseguimos, afinal.

Quando comparecia às nossas reuniões, a Sra. Comte-Calixte vinha com a Srta. Sophie, sua dama de companhia. Esta última, ao constatar a facilidade com a qual os médiuns eram colocados em estado de sonambulismo, e como eles se sentiam bem ao acordarem, fez que eu perguntasse se seria possível tentar fazê-la dormir também, para ver se ela tinha, em estado latente, faculdades que pudessem ser úteis para nós. No final de uma sessão, eu disse a Luisa antes de acordá-la: “Ajude-a a se desprender, vou adormecer a Srta. Sophie”. Respondeu-me nervosamente e em voz baixa: “Não, não quero... Não quero; bom, faça o que quiser.” Essa sua resposta me deixou surpreso, e também o tom em que foi dita, mas não insisti. No dia seguinte tornei a ver Luisa e sem contar a ela o porquê da minha visita, coloquei-a em sonambulismo e perguntei-lhe o motivo da sua negativa do dia anterior. Conteve-se durante muito tempo, sem querer soltar o segredo sobre um assunto que não era da minha conta; mas como eu insistisse, acabou por dizer: “Não concordei com isso porque esta pessoa foi causa da minha desgraça em outra existência; juramo-nos ódio eterno; desprezo-a, odeio-a e jamais perdoarei, jamais, está ouvindo? todo o mal que ela me fez. – Porém eu acredito, disse eu, que não é só por acaso que vocês tornaram a se encontrar agora, e que os nossos amigos contribuíram a isso para lhes dar uma oportunidade de se reconciliarem”. Ela revoltou-se contra esta idéia, mas com paciência e bons motivos consegui fazê-la prometer que ia me ajudar a fazê-la dormir e que a perdoaria.

Na sessão seguinte, sem que eu tivesse comentado com ninguém sobre esta entrevista, depois de ter feito dormir simultaneamente a Luisa, a Sra. Maria e o Sr. Molaret, fiz colocarem este último no meu

lugar, à direita de Luisa, e a Sra. Maria à sua esquerda; e, colocando-me em frente da Srta. Sophie, eu comecei a trabalhar para tentar provocar nela o sonambulismo. Nesse momento, a Sra. Maria e o Sr. Molaret pegaram Luisa pela cintura e disseram a ela: “Vamos, Luisa, força, é preciso ajudá-la a se desprender, também é preciso perdoá-la; é preciso esquecer. Sim perdoe e esqueça, porque os nossos amigos estão pedindo, este ódio precisa acabar e um perdão sincero deve reconciliá-las.”

A Srta. Sophie acabava de cair em letargo também; então Luisa tomou-a pela mão e disse-lhe: “Olhe e recorde”. A Srta. Sophie permaneceu um instante como que estupefata, chocada, depois começou a chorar intensamente e disse: “Não, não pode perdoar-me; foi muito o mal que eu lhe fiz para poder esquecer-lo; onde poderia esconder-me? Sinto vergonha de mim mesma!” e chorava tanto que estava até molhando a blusa. Luisa e as outras choravam também; afinal, Luisa disse: “Visto que os nossos amigos estão pedindo, que tudo fique apagado desse sinistro passado; que tudo caia no esquecimento”. E levantando-se espontaneamente, os quatro médiuns se abraçaram apertadamente; agora choravam de alegria e de emoção. Custei bastante para acordar os quatro e trazê-los novamente para a realidade. Os outros membros do grupo tinham assistido esta cena patética sem poder compreender muito bem o que estava acontecendo e foi preciso que eu explicasse. Era o fim de um ódio póstumo. Tive ocasião de observar em outro lugar mais dois casos parecidos.

Em setembro de 1887, em uma sessão, um dos Espíritos que nos ajudava nos trabalhos, o amigo José, disse-nos: “Vim para me despedir, não voltarei a assistir a estas reuniões onde fui recebido com tanto carinho; vou reencarnar”. Diga-nos em que condições e poderemos procurá-lo para seguir nos ocupando de você. – “Não, é

inútil, isto seria contrário à lei de Deus; se o mistério do nosso passado nos é oculto, é porque existem motivos sérios e não podemos infringir essa lei tentando averiguar o que nos espera no futuro”. Foi a sua última visita.

Em 20 de dezembro de 1887, Luisa, em sonambulismo, vê umas violetas; são muitas e todos nós poderemos ter grandes buquês. Seu perfume começa a se fazer sentir, e vemos cair do teto, uma a uma, algumas violetas que pousam sobre nós. No entanto, em vez de uma grande colheita, elas são somente seis, e nós somos sete pessoas. Perguntamos à médium qual de nós deve prescindir da flor: “Existe uma para cada um; procurem bem e encontrarão a sétima violeta”.

Procuramos por todos os cantos do apartamento sem conseguir encontrá-la e vamos embora, deixando Luisa muito contrariada por ter ficado sem a flor que faltava para ela. Sua tristeza não durou muito, porque depois da nossa partida, quando tirou a blusa, encontrou a pequena violeta, escondida entre as rendas da roupa interior. Por tanto, tivemos aquela noite sete violetas, como nos garantiram os nossos guias.

Querendo tentar experiências de materialização de Espíritos, dividimos nossas sessões em duas partes, durante a primeira parte escura, todos os assistentes formavam uma corrente, sempre na ordem indicada pelos nossos guias.

Em 17 de janeiro de 1888 estávamos colocados, M.D... à esquerda da médium, eu à sua direita segurando uma de suas mãos, e sem que nenhum dos dois tivéssemos soltado as mãos de Luisa, um galhinho de reseda apareceu entre os dedos de M.D..., um cravo branco, discretamente colocado no decote de M.M...., e um galho de mirto em

flor depositado sobre os meus joelhos.

Na escuridão, disse-nos a médium, é muito mais fácil se obterem os aportes porque as combinações fluídicas não sofrem as contrariedades das vibrações luminosas; é necessário um gasto fluídico quase insignificante para realizá-los, porém o controle é mais difícil e isto dá motivo para que sejam atribuídos a fraudes.

Em 7 de fevereiro de 1888, em sessão escura, o Sr. Deborne recebe um galho de heliotrópio e duas anêmonas abertas. Luisa repete que na escuridão os aportes são feitos com muita facilidade e então pede aos nossos guias produzirem estes fenômenos apenas à plena luz para avaliar a sua boa-fé livre de todo tipo de suspeita.

O que, acima de qualquer outra coisa, colocava as nossas experiências fora de qualquer suspeita de fraude, era o desprendimento e a paciência da médium, que eram absolutos, e também a boa-fé de todos os membros do grupo; porque se perseguíamos aquelas pesquisas não era para chamar a atenção do público e sim para nos convencermos a nós mesmos da autenticidade de tais manifestações, em vez de buscar subterfúgios para explicar esses fenômenos; ao passar da assistência dos Espíritos para atribuí-los a entidades desconhecidas, a agentes imaginários, quisemos deitar luz, dentro das nossas possibilidades, sobre a ação dos nossos guias ou Espíritos familiares, na realização dos nossos desejos.

O caso da Sra. F...

No transcorrer do ano de 1887, uma senhora F ... veio pedir-me que curasse através do magnetismo, a sua mãe, de idade avançada e portadora de dores reumáticas para as quais todos os recursos da medicina tinham se revelado inúteis. A Sra. F. ... é a esposa de um professor da faculdade de ciências; quer isto dizer que os doutores a que ela se dirigira primeiro faziam parte das nossas celebridades na arte médica. Respondi a essa senhora: “Não há problema em ocupar-me de sua mãe, mas não posso lhe prometer nada sem conhecer a causa do mal que lhe traz sofrimento e, para tanto, preciso fazer examinar o seu estado pelo meu sonâmbulo”.

O resultado deste exame feito à distância em nada foi favorável para a enferma; as dores das quais ela se queixava nada tinham de reumáticas como me disseram: eram produzidas por uma grande atonia do fêmur direito e da coluna vertebral nos quais a vida se apagava: “é o resultado de uma queda na escadaria; ela nada disse no momento e por isso não foi tratada, e aí está a origem do mal. Pode tentar, diz-me Luisa, mas não conseguirá resultado algum; o mal está muito avançado e o organismo dessa pessoa está gasto demais para esperar uma recuperação”. Transmiti à Sra.

F. ... essa resposta pouco satisfatória. Então reconheceu que o diagnóstico do meu sonâmbulo coincidia com os de todos os médicos que consultara, porém ela esperava que pudessem estar errados e,

achando que a medicina era impotente, buscara o recurso do magnetismo. Nessas condições disse à Sra. F.... que não tinha problema em magnetizar sua mãe, visto que, se não posso prometer curá-la, ao menos espero poder aliviá-la. “Para isso farei tudo aquilo que estiver no meu poder, mas, como disse, não aceitarei jamais honorários em hipótese alguma”. Ficamos de acordo nesse aspecto e comecei as magnetizações, três vezes por semana.

Uma notável melhora declarou-se primeiro, depois o mal voltou; a minha ação sobre a doente foi decrescendo, tanto que depois de dois meses e meio de tratamento, somente podia acalmar suas dores por algumas horas. Eu teria continuado, porém, a magnetizar aquela senhora, se não me tivesse surgido uma viagem que precisei fazer e que me obrigou a interromper o tratamento; depois o meu trabalho não me permitiu retomá-lo.

A Sra. F. agradeceu-me carinhosamente a assistência prestada à sua mãe e despedi-me dela, lamentando o fracasso que eu já imaginava por não ter meio de evitá-lo.

Já nem pensava no assunto quando, em 11 de junho de 1888 a Sra. F. veio me ver na loja onde eu trabalhava, para me agradecer de novo e pedir que aceitasse uma retribuição pelo tempo dedicado a cuidar de sua mãe.

Recusei-me energicamente, tendo já avisado a Sra. F. de que eu não podia nem queria receber nada; ela manteve-se firme em sua determinação e depois de discutir uma meia hora negando-se a admitir os meus argumentos, a Sra. F. despediu-se de mim, deixando sobre o balcão próximo daquele onde nos encontrávamos, cinco moedas de vinte francos.

Não desejando que os meus chefes, que rondavam por ali, percebessem o motivo daquela visita, deixei a Sra. F. partir, sem mais discussão, porém decidido a não ficar com aquele valor que não me

correspondia de jeito nenhum.

Naquela mesma noite, fiz o meu sonâmbulo dormir e perguntei aos nossos guias o que me aconselhavam fazer com aquele dinheiro. “Devolvê-lo, responderam.” “Isso mesmo é o que eu penso, mas como? Os nossos guias desejariam encarregar-se de fazer isso?” – “Sim, disse-me Luisa, os nossos amigos, eles mesmos entregarão esse dinheiro a quem pertence, para demonstrar como estão alegres de ver que você aceita o conselho que eles lhe dão.”

Então escrevi para a Sra. F. uma carta pedindo desculpas por não poder aceitar aquele presente tão caro: indicando a ela os motivos que me obrigavam a recusá-lo e informando-a do meio que utilizavam os nossos guias para operar essa devolução. Coloquei a carta e o dinheiro em um envelope e, na nossa sessão do dia 12 de junho, estando o meu sujeito em sonambulismo, coloquei a carta sobre os joelhos de Luisa, pedindo aos nossos amigos para manterem a promessa feita.

Dali a meia hora tudo desaparecera. O envelope e o seu conteúdo estavam fluidificados. Este trabalho causara na médium um grande desgaste de forças fluídicas, seus braços estavam em catalepsia, e sentia nas mãos uma sensação de queimadura muito viva. Fiz desaparecer rapidamente essas moléstias, porém não consegui fazer que recuperasse forças suficientes para terminar o trabalho.

Na sessão seguinte Luisa diz-me: “Estou vendo a carta, ela está aí nos fluidos, na sua forma primitiva. Poderia ficar assim muito tempo, sem se perder ou estragar. Que trabalho tão bonito; vou pedir aos nossos amigos para nos levarem próximo da Sra. F... e nos ajudarem a transportar essa carta até a sua residência para que torne a materializar-se.

O transporte ocorreu naquela noite, porém o meu sujeito, um pouco cansado, não conseguiu terminar o trabalho, apesar do vivo desejo e

da ajuda dos nossos guias; faltavam-lhe os fluidos materiais. “Far-se-á em uma próxima vez, disse-me, falta muito pouco, mas no momento não tenho meios para conseguir fazê-lo.

Pela terceira vez enviei a médium durante o sono à casa da Sra. F....; ela descreveu-me então o quarto à direita, que servia de sala de jantar; eu o tinha visto na época em que fazia as visitas, porém nunca entrara nele. “É ali, disse-me Luisa, o lugar onde ocorrerá a materialização”. Depois, pediu-me que lhe transmitisse fluidos e que atuasse sobre ela com uma vontade firme e sustentada por um desejo ardente de sucesso.

O meu sujeito se endireitara; fazia grandes esforços para emitir fluidos mais pesados; de repente caiu exausta sobre a cadeira, com os braços estendidos à frente em catalepsia.

“Acabou; o trabalho está terminado. Pude ouvir como a carta caía; minhas mãos estão ardendo, estou esgotada de cansaço. Passem-me fluidos fortificadores e agradeçamos aos nossos amigos. Seu desejo tornou-se realidade, confirmarão ter recebido a sua carta.”

Como entenderão facilmente, estávamos à espera com verdadeira impaciência da resposta anunciada. Mas os dias se passavam e continuávamos sem notícias da nossa missiva.

Tornei a enviar o meu sujeito, durante o sono, à casa da Sra. F... “Já estou vendo porque não responderam; a carta caiu entre o piano e a parede, não é possível enxergá-la. Seria necessário escrever a esta senhora para que a retire e não fique ali perdida. Estou vendo essa carta, ela está bem materializada; posso ler o nome no envelope, que está amassado e rasgou-se um pouco na queda. Tenho certeza de que a encontrarão no lugar indicado”. Então escrevi para a Sra. F..., informando de que um envelope dirigido a ela estava caído atrás do piano, e pedindo que a retirasse, fazendo-me saber se foi encontrada.

Vários dias se passaram sem que eu recebesse resposta alguma.

Luisa permanecia em um estado de ansiedade indescritível. Pensava que o trabalho não estava feito, que ela tinha feito errado, que o pedido era impossível de cumprir. Ela considerava a sua própria honorabilidade comprometida; suas dúvidas, seu desânimo davam dó; por isso foi uma grande alegria quando, no começo de julho, recebi a visita da Sra. F que comparecia para me anunciar em pessoa que tinha recebido a minha carta e que a encontrara efetivamente atrás do piano na sala de jantar.

“Não respondi antes, disse, porque queria dizer-lhe algumas coisas sem importância e não podia escrevê-las. Por que não aceitar uma retribuição tão pequena e tão legítima! Seus guias não são bons para comigo, mas devolverei o troco da sua moeda; não poderão impedir que passe a fazer parte da sua Sociedade e que dedique à divulgação das suas idéias o valor que eu quiser”.

“Minha senhora, não temos objeção alguma para esse projeto; estaremos felizes da sua contribuição para a divulgação do Espiritismo e do magnetismo; mas pode ter certeza de que nenhum valor, por muito elevado que fosse, iria me causar uma maior alegria do que saber que recebeu a minha carta nas condições em que ela foi enviada e a Sra. a recebeu.”

Um detalhe a ter em conta: jamais entrei na sala onde ocorreu a materialização. Nem a médium, nem pessoa alguma do grupo, conhecem a Sra. F....; ninguém, exceto eu, sabe onde ela mora ou teve relação alguma com ela.

Sinto a curiosidade de saber: pelo fato de qual criptestesia (1) esta operação pôde ser realizada?

(1) Segundo confessou o Sr. Ch. Richet, a criptestesia é só uma palavra que nem sequer dissimula a ignorância do mundo sábio a respeito do Espiritismo, e a sua dificuldade em explicar os fenômenos fora da assistência dos Espíritos. Revue Métapsychique 1921, n^o 8 pág. 397.

Últimas manifestações... Moldes em parafina

Em 31 de julho de 1888, à plena luz, fomos presenteados com duas rosas, dois cravos brancos e um vermelho. Nossos guias desejavam dar esses presentes no dia 14 de julho, porém a médium, sem forças nesse dia, não conseguiu materializá-los.

No ano de 1889 somente tivemos um aporte: um cravo, que me foi entregue no dia 14 de maio. Na época perseguíamos a realização de moldes de parafina obtidos na América e em Roma pelo cavaleiro Ercole Chiaia, graças à mediunidade de Eusápia Paladino. Numerosos ensaios tinham sido feitos sem sucesso. A médium não queria acreditar no êxito de tal fenômeno e tentava nos convencer de que desistíssemos daquilo quando, tendo eu insistido muito, em 11 de fevereiro de 1889, fizemos uma nova tentativa.

Eu mesmo preparei o jarro de parafina e outro com água fria; durante a sessão a médium me diz: “Acho que tem alguma coisa dentro do jarro de água fria. Esther (uma dos nossos guias) enfiou a mão dentro da parafina, reclamando a seguir que a vasilha era muito pequena. Olhe”.

Efetivamente, dentro da água fria, estava o molde de uma mão cujos quatro dedos juntos eram menores que os da médium; o molde é oco

e está fechado pela parafina que caiu sobre si mesma. Este foi o único fenômeno deste tipo que pude observar. Conservo-o nos meus arquivos com uma recordação pessoal de quase todos os aportes que acabo de indicar.

Finalmente no dia 6 de maio de 1890, coincidindo com o meu aniversário, recebi duas rosas que oferecemos, com o consentimento dos nossos guias, à Sociedade Fraternal, a que pertenciam todos os membros do nosso grupo e do qual eu fui Presidente durante 24 anos. Estas flores retornaram a mim por certas circunstancias que não são agora do caso.

No dia 28 de outubro de 1890 aconteceu a nossa última reunião. É assim que a nossa secretária termina a ata daquele dia:

“De agora em diante, segundo as minhas previsões, devemos renunciar às experiências que estamos realizando desde vários anos atrás. Não é sem pesar como observo se desvanecer a doce esperança de ver Espíritos materializados e, entre eles, a minha doce protetora. Ofereço a ela este sacrifício, com a convicção de que será do seu agrado e suavizará a minha dor”.

O motivo foi o casamento de Luisa.

Eu também não renunciei ainda a esta doce esperança; porém devo esperar que condições propícias me facilitem, novamente, a continuação das minhas queridas pesquisas.

31 de março de 1895.

Recapitulação dos fenômenos conseguidos pelo Grupo “Amizade” entre 1884 e 1890.

1884

16 de janeiro - Uma rosa-chá.

8 de fevereiro - 3 rosas-chá.

29 de fevereiro - 2 galhos de lilás, uma rosa vermelha.
 24 de março - 5 rosas de Provins.
 8 de abril - 6 galhos de lilás, 2 rosas brancas, 4 rosas vermelhas, 12 galhos de miosótis.
 29 de abril - 7 rosas diversas.
 2 de maio - Escrita direta sob envelope lacrado.
 16 de maio - 4 rosas, 5 cravos.
 8 de agosto - 15 rosas, 15 galhos de miosótis, 15 de reseda.
 29 de agosto - 1 rosa vermelha.
 29 de setembro - 5 rosas vermelhas.
 7 de outubro - 5 rosas vermelhas.

1885

13 de janeiro - 3 pílulas.
 27 de janeiro - 11 pílulas.
 13 de fevereiro - 2 galhos de lilás
 13 de julho 1 rosa branca.

1886

2 de fevereiro - 1 violeta de Parma.
 9 de fevereiro - 2 rosas.
 16 de julho - 19 pílulas.
 23 de julho - 20 pílulas.
 26 de julho - 22 pílulas.

1887

11 de janeiro - 1 rosa.
 25 de janeiro - Desmaterialização de um anel.
 1 de fevereiro - rematerialização de um anel.
 12 de abril - 2 pedrinhas lançadas ao rosto.
 20 de dezembro - 7 violetas.

1888

17 de janeiro - 1 galho de reseda, 1 cravo, um galho de mirto.

Junho - Cartas para a Sra. F....

31 de julho - 2 rosas, 3 cravos.

1889

11 de fevereiro - Molde de uma mão em parafina.

14 de maio - 1 cravo.

1890

6 de maio - 2 rosas vermelhas.

II

Espiritismo experimental

Recordação do Grupo Esperança

Este pequeno grupo, para pesquisa dos fenômenos do Espiritismo, foi sendo criado por si mesmo com a reunião fortuita de alguns amigos, em 21 de março de 1910. Tendo essa primeira sessão dado muito bons resultados, foi continuando, a cada semana, com uma assiduidade e um interesse sempre crescente.

Quando quisemos dar um nome ao nosso novo grupo, não sabíamos qual escolher; os nossos guias encarregaram-se disso, dando a ele o nome de Grupo Esperança, e prometendo justificar essa escolha.

Também por decisão dos nossos guias, e para evitar os escolhos que atrapalhavam outrora os trabalhos do Grupo Amizade, e que paralisavam tantas vezes os nossos esforços, combinamos que o nosso grupo seria rigorosamente fechado e que ninguém poderia ser admitido sem autorização prévia dos nossos guias; tudo isso para conseguir conquistar com maior segurança uma harmonia fluídica indispensável para a produção dos fenômenos transcendentais do Espiritismo.

Junto com esta regra de comportamento que nunca ninguém desrespeitou, existe outra que também respeitamos

escrupulosamente.

As nossas sessões costumam sempre ser abertas com uma oração a Deus e um apelo aos nossos guias.

Nunca é feito nenhum apelo específico a tal ou qual espírito; aceitamos todos aqueles que comparecem, tanto para receber ou discutir seus conselhos, como para auxiliá-los quando está em nossas mãos fazê-lo; porém nunca insistimos com Espírito nenhum para que atenda o nosso chamado.

As reuniões são feitas em uma sala do meu apartamento, à luz de um bec Auer nº 2 ou então à luz de alguma outra lâmpada de espessura similar com um glóbulo vermelho (1). O quarto faz ângulo reto, do lado oposto à única porta que sempre está fechada durante as sessões; está formado por um tecido em reps vermelho, pendurado de uma vareta de ferro, e quando formamos a corrente, o médium está encerrado em um canto e não pode sair de lá. A luz vermelha sempre é suficiente para permitir o controle e poder enxergar as horas em um relógio. Para maior segurança e também para favorecer a produção dos fenômenos, com a médium, Srta. Bedette (2), sempre procuro que ela entre em sonambulismo no início de cada sessão; é nesse estado de sonolência, que dura até o final da sessão, que se produzem os fenômenos.

(1) A partir de então usamos uma lâmpada elétrica de 32 velas ou então uma vermelha de 16 velas e nunca ficamos em completa escuridão, para que todos possam enxergar tudo o que está acontecendo.

(2) O nome da médium é um pouco comprido demais para pronunciar, e por isso a minha neta deu-lhe o diminutivo de Bedette, nome que lhe agradou e que utilizamos a partir de então, com consentimento dela.

Quando, para condensar melhor os fluidos ou reunir mais forças, os nossos guias nos pedem para cantar, nós cantamos “Frère Jacques” com a evocação seguinte:

Queridas almas, entre nós, em chamais celestes, mostrai-vos.

Com os vossos fluidos ajudai-nos, aos nossos olhos bons guias, mostrai-vos.

A melodia ou a letra não têm nenhuma importância, e sim a quantidade de fluidos que se desprendem com as palavras pronunciadas, sejam quais forem, fluidos esses que os nossos guias dizem precisar para produzir os fenômenos.

Entre os guias que nos auxiliam, aquele que tomou a direção das nossas sessões deu-se a conhecer como o nome de Cyclamen; ele está, para todos, encarnados ou desencarnados, cheio de solicitude e para todos tem palavras de alento. É secundado pelo espírito de Esther, e por meu avô (que se manifestava outrora no grupo Amizade, com aportes de flores), e por outros Espíritos benfeitores e brilhantes que se mantêm no anonimato. Juntaram-se a estes outros Espíritos que se aproximaram de nós no distúrbio e no sofrimento, e que, quando melhorou ou se esclareceu a sua situação, comparecem para ajudar os nossos guias com sua contribuição. Em nome destes últimos, Justin, o Grande Vigário, monsenhor Servonnet e a pequena Joana com eles, não faltam a nenhuma sessão e todos se esforçam para o bom funcionamento dos nossos trabalhos.

Justin, sofrendo muito após uma encarnação das mais dolorosas, achava-se ao princípio tão atormentado que muitas vezes tive que levar a médium a catalepsia para poder controlá-lo. Aos poucos, graças aos conselhos, aos avisos, conquistou uma situação melhor e nos dá testemunho da sua satisfação ajudando-nos com seus fluidos, bem mais materiais. Exprime-se melhor do que nos primeiros tempos, porém tem uma maneira própria de formular suas frases, de alterar as palavras, que faz preciso estar acostumado a escutá-lo para compreendê-lo bem, tendo às vezes até que adivinhar seu pensamento. Não é um acadêmico, como diz muitas vezes, não tem todos os parafusos colocados em sua cabeça, mas está agora cheio de

boa vontade e de devoção. Além disso, tem uma faculdade de observação notável, conta-nos tudo aquilo que vê no quarto durante a sessão vermelha e sente-se entristecido quando viu alguma coisa que lhe proíbem de contar; isto acontece algumas vezes, porque Cyclamen recrimina a ele ser indiscreto demais, segundo informa.

O Grande Vigário, pelo contrário, exprime-se com muita facilidade e muito corretamente, salpicando seus discursos com frases latinas que traduz para nós depois, porque nenhum de nós e menos ainda a médium, poderia compreender o que significam. A princípio era muito hostil às nossas pesquisas; autoritário, arrogante, não ocultava que vinha para se enfrentar a nós, visto que, segundo o seu parecer, éramos satélites de Satã, inimigos da Igreja; ele queria impedir que continuássemos com os nossos “feitiços demoníacos”. Como ele não fraquejava na discussão, e, muito pelo contrário, insistia nela e muitas vezes a provocava, conseguimos primeiramente fazê-lo vacilar e depois despertar seu interesse para os nossos trabalhos. Sendo Espírito investigador e muito aberto, entregou-se diante da evidência e em vez de nos enfrentar, como era sua intenção inicial, transformou-se para nós em um auxílio muito útil e muito assíduo, em um trabalhador infatigável, tendo sempre um papel importante em todos os nossos trabalhos de materialização, que busca e executa sob o controle de Cyclamen; suas comunicações e discursos são, às vezes, respostas peremptórias, com a pretensão da Igreja romana de atribuir ao demônio a produção dos fenômenos espíritas. O Grande Vigário dirige o curso dos fenômenos no nosso grupo e esclarece que nada tem em comum com Satã. Recomenda-nos orar com o coração e não com os lábios. Inclusive ditou-nos uma prece capaz de derrotar todos os diabos, se eles existissem, no sentido atribuído a eles pela Igreja. Voltaremos ao assunto depois, com ele.

Até agora, o Grande Vigário tem-se negado, por motivos familiares,

a nos deixar conhecer seu estado civil; no entanto prometeu-nos assinar com nome, sobrenome, títulos e qualidades, o informe que vai fazer sobre os trabalhos dos que vem se ocupando, fenômenos estranhos, mas bem reais apesar disso, e que são a parte mais importante destas pesquisas.

Através da mediunidade da Srta. Bedette, nós recebemos não somente os ditados em latim do Grande Vigário como também comunicações em inglês, de um Espírito dizendo ser William James, que nos prometeu para mais tarde uma colaboração mais ativa quando a médium ficar mais moldável à manifestação e possa traduzir seu pensamento com maior facilidade. Também tivemos comunicações em Braille e com os signos do alfabeto que os surdos-mudos usam. Como nenhum de nós conhece latim, inglês ou a mímica do bispo da espada, não é possível existirem nestas manifestações sugestão ou produção subconsciente, porque repito que nenhum de nós conseguiria, e a médium menos ainda, se exprimir em nenhuma dessas línguas, e muito menos transmitir-nos depois uma tradução.

No entanto vimos o Grande Vigário traduzir para o francês suas preces e os pedidos em inglês de William James, e um jovem surdo e mudo exprimir-se através de sinais e depois, em vista do meu pedido escrito, responder-nos por meio da escrita. Através da médium em transe, também se manifestou um cego. Não entendíamos o que ele nos pedia fazendo sinais de espetar um papel; depois, quando entendi o que desejava, entreguei a ele uma plaqueta de Braille, que usou para nos dizer o que queria; e também por este meio pude responder a ele, o qual nenhum de nós teria sido capaz de fazer.

Uma última palavra para terminar este preâmbulo longo demais e assinalar um particular atrativo que ele tinha nas nossas reuniões. Cada vez que acontece uma manifestação, a figura do médium muda

de expressão, sua linguagem modifica-se, de repente vivaz, de repente lenta, breve, autoritária ou cheia de bondade ou persuasão. Cada vez que o mesmo Espírito se manifesta, volta com o mesmo aspecto, com o mesmo tom de voz, os mesmos gestos, de maneira que antes dele se apresentar, nós já sabemos, pela expressão do seu rosto, quem ele é.

Agora podemos abordar a exposição dos fenômenos que acreditamos vão chamar a atenção dos nossos adeptos. Antes de tudo, certas provas de identidade que achamos poderiam chamar a atenção dos pesquisadores, e a seguir o desenvolvimento, sessão após sessão, deste belo trabalho que consistiu em reunir e condensar fluidos em uma forma determinada, e depois materializá-los, não somente de modo temporal, **mas sim definitivamente, em objetos que continuam em nossas mãos.**

Monsenhor Servonnet

Julho 1911. O Grande Vigário expressa-nos a sua satisfação pelo bem moral que, ao seu parecer, fizemos a ele. Pede-nos licença para trazer até nós um dos seus amigos que precisa esclarecimento sobre sua situação atual; trata-se de um sacerdote e não deseja que isso possa nos chocar, diz que tem um caráter muito elevado, muito digno, e que faríamos uma boa ação recebendo-o entre nós.

Vocês estarão se perguntando por que estes sacerdotes, que eram desconhecidos para nós, entraram no nosso ambiente, onde nada poderia atraí-los. Os motivos são estes: no dia 8 de dezembro acontece em Lyon uma grande festa clerical; aquela noite, em 1909, enquanto nos dirigíamos à nossa reunião eu e a filha, fomos testemunhas da iluminação completa da colina de Fourvière, e a filha comentou comigo: se todo o dinheiro gasto nessas iluminações fosse entregue aos pobres, seria bem mais útil. Continuamos andando e falando naquele assunto e chegando à casa da Sra. M..., onde nos dirigíamos, continuávamos a falar nas iluminações; depois, coloco a Bedette em sonambulismo e a sessão começa com a manifestação de um sacerdote que nos provoca falando no sucesso da festa. Depois deste vem outro, e um terceiro que nos diz ser seminarista; está buscando, não sabe onde se encontra e pede-nos para ajudá-lo, porém, de repente, exclama: “O Grande Vigário” e vai embora.

Foi a primeira visita, pouco amável aquela noite, deste personagem

que com o tempo transformou-se no nosso grande amigo Justin, que dizia na época: “Mas isto é a cura da paróquia, só dá sotaina nessa casa.”

Na sessão de 25 de julho de 1911 em minha casa, o Grande Vigário anuncia-nos a visita de um amigo seu. Diz que se chama Servonnet, morreu em 19 de outubro de 1909 com 79 anos de idade, era Cavaleiro da Legião de Honra e arcebispo de Bourges depois de ter sido bispo em Dijon.

A manifestação acontece e este personagem que desconhecíamos por completo, mostra-se muito meigo, muito afável e conciliador, escuta com atenção, responde aos nossos pedidos, pede esclarecimentos sobre os pontos que não entendeu direito, depois agradece, dizendo que gostaria de voltar se nós o permitíssemos.

Volta, efetivamente, em 8 de agosto e confirma que se chama Servonnet, nasceu lá pelo ano de 1831, em Saint-Pierre-de-Bressieux, em Isère. Foi nomeado bispo de Digne, morreu em 18 de outubro de 1909, sendo arcebispo de Bourges. Era, detalhe este pouco importante segundo nos diz, membro da Academia em Grenoble.

O Grande-Vigário tinha nos indicado a data de 19 de outubro, o bispado de Dijon, a Cruz de Cavaleiro da Legião de Honra. Monsenhor Servonnet nos dizia 18 de outubro, bispado de Digne e não falava em condecoração, quem estava com a razão?

Para averiguar esse ponto dirigi-me à prefeitura de Bourges e ao bispado. A prefeitura respondeu-me que não tinha nenhuma informação sobre esse personagem e aconselhou-me dirigir-me ao bispado se queria conseguir alguma. O bispado enviou-me uma carta de falecimento dizendo: S.G. Monsenhor Pierre-Paul Servonnet, bispo de Bourges, primado de Aquitaine, falecera com 79 anos de idade em 19 de outubro de 1909. Porém, outros papéis que recebi, não falavam em Cruz da Legião de Honra nem do bispado onde foi

nomeado. Os meus trâmites para esclarecer estes dois pontos ainda continuavam sem resultados. Continuei as minhas pesquisas no Almanaque da Cruz, 1910-1911. O almanaque nem sequer comunicava aos fiéis o falecimento deste prelado; outros figuravam com uma breve biografia, mas Monsenhor Servonnet foi esquecido. Não teria como elucidar estes dois pontos se o acaso, esse protetor daqueles que têm paciência, não viesse me ajudar da seguinte maneira: Um dos meus clientes que devia me entregar um pacote, o embrulhara em um velho jornal que eu deixei no recipiente do lixo até chegar a hora de lançá-lo à lareira, porém no momento de jogá-lo, a minha filha dá-lhe uma olhada rápida e seus olhos tropeçam com um artigo necrológico de 19 de outubro de 1909, segundo o qual Monsenhor Servonnet nascera em Saint-Pierre-de-Bressuire, Isère, em 14 de dezembro de 1830, fora consagrado em Lyon bispo de Digne em 25 de julho de 1889, e nomeado Cavaleiro da Legião de Honra como capelão militar por seu bom comportamento durante a campanha de 1870. Entregou sua Cruz na hora da aplicação dos decretos contra as congregações.

Todos estes detalhes eram desconhecidos para todos nós e não teriam chamado a nossa atenção se não fosse porque precisávamos conferir as afirmações do Grande-Vigário e do seu amigo Servonnet que ficou sendo grande amigo nosso e que aparece muitas vezes para nos dar bons conselhos e muito alento.

Dia 4 de dezembro de 1911. Monsenhor Servonnet vem expressar a alegria que sente por ter descoberto a verdade, agradece a ajuda prestada por nós a ele, acompanha de perto todos os nossos trabalhos e nos ajuda em tudo o possível; mais tarde nos fornecerá uma noção das suas ocupações no além. Dia 4 de janeiro de 1912. Deseja-nos feliz ano novo e acrescenta: “Recebam o afeto que sentem por todos seus irmãos espirituais. As dificuldades são necessárias e

ajudam a evoluir, peçam aos seus amigos, não que as afastem, e sim que ajudem vocês a tirar o melhor proveito delas.”

Dia 5 de fevereiro de 1912. Monsenhor Servonnet conversa conosco sobre as nossas tarefas aqui embaixo e suas alegrias no além. Declara-nos o seguinte: “Sempre estou encantado de acompanhar as suas reuniões e de constatar que cada sessão traz um leve progresso. Gostaria de trazer também alguma coisa para vocês, porém os seus amigos possuem métodos particulares para servir vocês melhor. Assisto com grande interesse às suas sessões; gostaria de falar a vocês da minha vida, que sem dúvida é bem diferente da vida dos Espíritos que costumam se comunicar com vocês. Eu conhecia o Espiritismo, seus bons conselhos, seus bons efeitos, e ao mesmo tempo em que recebia os sacramentos da igreja, fiz um apelo a toda a hierarquia celestial e no último momento um Espírito inclinou-se sobre mim dizendo: “Vai em paz”.

Um amigo que ainda vive perguntou-me então o que estava acontecendo comigo e eu disse: “É para mim” e morri. Depois senti uma doçura infinita, uma verdadeira beatitude penetrando em mim e me envolvendo. Desejo a todo o mundo ser assistido como eu fui, nos últimos momentos.

O Grande Vigário trouxe-nos de novo outro prelado, amigo seu, mas este último não quis saber de nada, acreditava na Igreja, estava no purgatório antes de ir para o céu. Jamais voltou.

Victorine G.

O caso de Victorine G... merece ocupar o seu lugar aqui, esta é a sua história:

Tínhamos atendido, com o magnetismo, à distância, uma jovem com esse nome. Só eu a conhecia e também à sua família e sabia onde morava. Avistei-a por última vez na véspera do seu passamento e, mesmo sabendo que era um caso perdido, não notei que estivesse mais cansada, e até mesmo achei que ela estava menos abatida. No dia seguinte a essa visita, Bedette, que viera me ver, disse-me quando já ia embora: “Vou para tal lugar”. Depois, na rua e sem saber por que, foi em direção oposta. A cem metros dali, desce do carro, entra em uma viela, cruza um pátio e sobe ao terceiro andar, até uma casa onde não conhece ninguém e onde não tem nada para fazer. Volta em si no momento em que estava para tocar a campainha para que abrissem a porta. Sentindo vergonha por encontrar-se naquele lugar, sem saber por que, nem como chegara até ali, voltou para a rua apressadamente, e perturbada, retornou para a casa da sua patroa.

No dia seguinte contou-me o acontecido sem poder determinar qual tinha sido a causa. Coloquei-a em sonambulismo e disse a ela: “Veja o que aconteceu ontem e dê-me uma explicação.” – “Estou vendo-a, disse, é Victorine que morreu ontem enquanto eu estava aqui com você, veio informá-lo disso e depois se apoderou de mim para voltar para a casa dela.” “Não morreu, respondi, avistei-a ontem à noite, até

parecia estar melhor”. – “Morreu ontem enquanto eu estava em sua casa; encontrará esta noite, quando voltar para casa, um aviso de falecimento em sua caixa de correspondência.” Isso era correto, a pobre enferma tinha acabado de sofrer. Depois de um tempo, um Espírito manifesta-se através de Bedette e nos diz: “Sou Maria Luisa”. – “Qual Maria Luisa? Não conheço ninguém com esse nome.” – “Sim, conhece-me muito bem, sou Maria Luisa G. Victorine não era o meu nome, apesar de que só me chamavam com esse. Estou registrada no cartório com o nome de Maria Luisa G., é na igreja onde me deram o nome de Victorine.” Agradeceu a ajuda prestada por nós e deixou a médium.

Depois de ela partir, Bedette sempre em sonambulismo, parece estar sentindo algo assustador, agita-se e parece querer lançar fora de seu corpo com todas as forças alguma coisa que a atormenta e assusta. “Que está acontecendo com você?”, pergunto a ela. – “Como? Você não está vendo todos estes bichos que correm pelo meu corpo e parecem querer me devorar?” A través de passes magnéticos fiz desaparecer rapidamente aquela lembrança sinistra e no dia seguinte perguntei à irmã de Victorine qual era seu verdadeiro nome. Eis aqui sua resposta: “Quando ela nasceu, ia ser sua madrinha uma irmã de nosso pai, e no registro do nascimento foi-lhe dado o nome de Maria Luisa; mas essa minha tia ficou doente de repente, então uma irmã de minha mãe foi quem veio à igreja e quis que lhe fosse dado o seu próprio nome, Victorine. Quando morreu a minha primeira tia, como sempre chamávamos a minha irmã de Victorine, no registro do falecimento não colocamos o nome de Maria Luisa porque ninguém a conhecia por esse nome, ao menos que saibamos”.

Gostaria de salientar que nenhum de nós podia conhecer ou suspeitar sequer este pormenor; de fato eu era a única pessoa que estava em relação com a família de Victorine e somente a conhecia

por esse nome. A médium, que jamais a tinha visto, podia menos do que ninguém adivinhá-lo. Portanto não é possível atribuir este caso à sugestão ou ao subconsciente. Se Maria Luisa se apresentou com esse nome, que não era o seu, isso quer dizer que efetivamente foi ela quem veio revelá-lo, e desse modo deu-nos uma prova da sua identidade e da sua sobrevivência no além.

Origem do anel

A Sra. Ch., achando-se cansada, veio me ver um domingo de manhã para que a magnetizasse. Durante o sono, pôde ver perto de mim um Espírito que simpatizava muito comigo e mostrava a ela um anel com três pedras para se dar a conhecer. Tentei encontrá-lo entre as minhas lembranças, porém não consegui descobrir de quem poderia tratar-se. Então, a Sra. Ch disse:

“Deixe que eu conserve a lembrança desta figura, poderei reconhecê-la, porque julgo tê-la visto aqui”. Então eu disse: “Lembre-se dela e acorde”. Depois, enquanto conversávamos, começou a folhear um álbum que estava sobre a minha mesa. Detendo-se ao ver uma fotografia, disse: “Já vi esta pessoa em algum lugar. E olhe, agora mesmo estou vendo-a ao seu lado: a semelhança é perfeita, está mostrando-me um anel e diz que este anel foi encontrado por você um dia na rua, e que estavam juntos nesse momento e que então você lhe deu esse anel de presente”. – Trata-se da Esther, então. – Ela sorri. – “Mas Esther não está morta, está no seu país”. – “Sim, ela está morta, e queria que você o soubesse. Agora ela está mais feliz, pense nela de vez em quando”.

Não suspeitava sequer que ela estivesse doente, e só um ano mais tarde tive a notícia oficial do seu falecimento e do motivo que o causara. Foi quando ela se mostrou junto à sua fotografia e a Sra. C. pôde identificá-la,

que ela se deu a conhecer sem lugar a dúvida, visto que eu até tinha esquecido por completo o pormenor do anel que me transportava a alguns anos atrás.

Collomb, a fada São João, o Carteiro

Este é um caso não resolvido, mas julgo que devo relatá-lo por causa da promessa que fiz ao pobre Collomb que veio nos ver em 8 de agosto de 1910 e declarou sem rodeios: “Meu nome é Collomb, entrei na infantaria de marinha em Toulon. Quando estava de folga em Lyon e confundido pela escuridão, caí no rio Saône e me afoguei, mas foi um acidente e não um suicídio. Não quero que ninguém fale que foi um suicídio porque não é verdade”.

Peço a ele outras informações sobre seu estado civil, mas ainda está sofrendo as impressões da asfixia por imersão e não pode me responder, porém promete voltar.

Volta, em efeito, em 10 de abril de 1911 e dita, por meio do copo de água: “Aqui tendes algumas informações mais ou menos exatas sobre a minha pessoa: meu nome era Marius-Joseph Collomb, nascido em Belmont, na região do Grand-Lemps, estava alistado no 4º regimento de infantaria colonial; meu irmão era, no momento do meu falecimento, prefeito de Belmont, meu país... papéis perdidos enviados a ele... perdidos por mim em Lyon... enviados a irmão... provavam a identidade corpo... explicações mais claras... continuação... não posso mais...”

Então peço para ele voltar quando puder para nos dar seu número de inscrição, as datas do seu nascimento e do seu falecimento; ele

promete, mas não voltou mantendo sua promessa. Eu sim mantenho a minha, e acrescento que todos os meus trâmites para conseguir confirmação para estas informações ficaram sem efeito.

A fada São João também é uma personalidade singular e que merece a nossa atenção por um momento. Apresentou-se a nós sem ser chamada no final da sessão de 4 de julho de 1910. A médium ficou com um aspecto envelhecido, encolhido, assoou o nariz, fingiu tomar uma pitada de rapé, ajustou uns óculos fictícios sobre seu nariz, depois pediu-nos um baralho: queria ler-nos as cartas.

Faz cada um de nós escolhermos uma carta, a seguir ela também escolhe uma carta para cada um dos membros presentes, e depois de colocar ao lado da minha a carta que ela tinha tirado para mim, faz a mesma coisa com os outros e nos anuncia, de passagem, alguns detalhes de fatos que acontecerão nessa semana.

Em outro momento, depois de nos fazer tirar as cartas sem olhá-las, ela mesma tira cartas para cada um dos presentes e vai colocando-as voltadas para baixo, a seguir, sem olhar as cartas que tem para cada um e nem as cartas que nós tiramos, diz exatamente:

“você está com tal carta e eu estou com tal outra; você verá isto ou aquilo, nesta semana”.

Durante a sessão de 21 de novembro de 1910, quis demonstrar para nós todo o seu talento. Quero anotar na ata desse dia: a fada São João se manifesta, ajusta os óculos, toma uma pitada, pede um copo d'água, um pote, um garfo, um prato e um ovo. Quando tem tudo isso, quebra o ovo com delicadeza, separa a gema, coloca-a no prato e o resto no pote com água magnetizada. Depois bateu tudo por uns instantes e começou a contar para todos nós sua pequena história. A opinião dos nossos amigos é que suas predições eram muito acertadas, porém não poderia garanti-lo visto que, da minha parte, não dei importância alguma ao que ela predizia sobre envio de

cartas, visitas, contrariedades, boas ceias e muitas outras coisas sem conseqüências que não tinham outro propósito, segundo dizia Cyclamen, que nos fazer descansar e distrair os membros do grupo; e devo admitir que os nossos amigos a ouviam com verdadeiro prazer. Porém a médium dava passo a ela muito a seu pesar e suas visitas foram ficando menos frequentes até o dia em que o carteiro ocupou o seu lugar.

A partir de então soubemos que tinha morado no nº 19 da Rua São João, e que era uma cartomante muito conhecida; por isso seus clientes a chamavam de fada São João, nome com que se apresentou sem ser chamada. Com o carteiro, nova personalidade original. Quando se apresentou por primeira vez, a médium ficou com um aspecto alegre e foi cantando que o dia 11 de outubro de 1911 interveio com a seguinte canção:

*Sou o pequeno Pedro
Do faubourg St-Marceau,
E como de costume
Carteiro e aguador.*

Era um companheiro jovial, um pouco safadinho, porém cheio de boas intenções; dizia algumas palavras a cada um de nós e aquilo que predizia, muitas vezes acontecia.

Certa noite, o carteiro me disse: “Você vai ter uma visita; uma pessoa que você não conhece, é uma senhora já idosa, de boa presença e cabelos brancos; ela vem para lhe falar em Espiritismo. Vem acompanhada de um senhor que você também não conhece. Ele é um professor, ocupa-se um pouco do Espiritismo, mas não completamente convencido. Não se preocupe com isso, quando eles chegarem, você os conhecerá”.

Depois de três semanas recebi a visita da Sra. Barchou que vinha para me informar de que tinha a intenção de dar, em Lyon, uma

palestra pública sobre Espiritismo e pedia que eu assistisse a essa palestra. Veio acompanhada pelo Sr. Rossigneux, tradutor do livro de Lombroso sobre Espiritismo e, efetivamente, naquele momento eu não conhecia um nem outro, porém a partir de então, sinto-me bem feliz com as relações que entre nós se estabeleceram.

O anel de Bedette

Se no Grupo Amizade tivemos o privilégio de presenciar aportes de flores de todo tipo, no Grupo Esperança pudemos constatar fenômenos de ordem totalmente diferente, porém não menos interessantes. Em vez das pílulas confeccionadas pelos nossos guias do primeiro grupo e tomadas nos fluidos, vamos assistir primeiramente a criação de um anel e é um dos nossos guias, Esther, quem deu de presente este anel a Bedette como prova da estima que sentia por ela. Foi feito quase diante dos nossos olhos por Esther e de comum acordo com o Grande Vigário, o amigo Justin e todos os nossos amigos do espaço. Todos fizeram o que puderam para juntar os elementos fluídicos, condensá-los, dar forma a eles e materializá-los. Portanto não se trata de um simples aporte, e sim de uma criação fluídica o que vamos assistir, e vamos acompanhar a sua formação, evolução e materialização.

Para melhor entender este interessante trabalho, vamos examiná-lo passo a passo, graças aos extratos do nosso livro de atas que fazem referência à produção deste fenômeno; desta maneira assistiremos a todas as fases da sua evolução, sessão após sessão, à espera da sua explicação por meio da ata que o Grande Vigário prometeu assinar com seus nomes, sobrenomes, títulos e qualidades. Esta ata servirá depois para confirmar, controlar e completar as observações que anotamos na ata de cada sessão.

Esta última foi redigida no transcorrer das sessões por um dos membros do grupo, Victorine, e contém, para cada um dos dias, as reflexões, opiniões ou conselhos dados por nossos guias ou pela médium, em relação com as peripécias da produção do fenômeno. Quando o Grande Vigário veio até nós, como disse, mostrara-se muito hostil aos nossos trabalhos; em tudo via inconvenientes, queria mudar tudo de cabo a rabo, porém depois acabou por interessar-se, quis nos ajudar e transformou-se na principal ferramenta de trabalho de todos os fenômenos observados.

Perseguíamos todas as manifestações possíveis, porém sem nenhuma meta determinada e sem saber qual o caminho que deveríamos seguir para as nossas investigações. Em 9 de julho de 1911, o Grande Vigário disse-nos que está estudando muito seriamente, já que o trabalho das materializações interessa muito a ele.

Mais tarde nos comunicará suas observações. Esther mostra a Bedette um objeto que vai entregar a ela depois.

Em 24 de julho, Bedette diz que viu muitos fluidos brilhantes, e que teve seu dedo anular machucado.

Em 31 de julho, Esther faz-se ver pela médium, segura em sua mão um objeto brilhante com forma de ovo. Dentro dele está o presente que ela deseja lhe oferecer.

Para especificar bem as condições em que se produziram os nossos fenômenos, acredito que convém lembrar que ao início de cada sessão a médium sempre é colocada por mim em sonambulismo lúcido. Mantém-se nesse sono magnético durante o transcurso da reunião, e somente vou acordá-la quando tudo está terminado, porém antes disso, certifico-me sempre de que ela não se sente cansada, que não sente tontura alguma e que tudo está

perfeitamente bem com ela. Foi durante este sono, com luz vermelha ou branca, que os fenômenos se verificaram. Se eu coloco a médium em sonambulismo é para melhor utilizar as suas forças e poder afirmar com maior autoridade a autenticidade dos fenômenos produzidos. Desde o início das minhas pesquisas fui alertado sobre possíveis fraudes, voluntários ou não, e acima de tudo, tenho o máximo interesse em que isto não aconteça. Se nós queremos convencer os outros da realidade destes fenômenos, devemos estar primeiro nós mesmos absolutamente convencidos da sua insofismável realidade, e estou nesse caso, por tudo que vi e constatei no Grupo Amizade e também no Grupo Esperança. Deixando isto bem sentado, vou prosseguir com as menções dos extratos do nosso livro de atas.

Em 21 de agosto de 1911, Esther coloca na mão da médium um globo brilhante e do tamanho de um ovo. O conteúdo parece a ela ardente, vê muitos fluidos e muitas forças.

Em 28 de agosto, a bola que lhe apresenta Esther está mais condensada, e não queima tanto.

Em 4 de setembro, a médium queixa-se de dor no dedo anular da sua mão direita. Alguém a está queimando.

Em 12 de setembro, estando Bedette em sonambulismo, Cyclamen vem e diz-nos que espera poder entregar em breve, tal vez esta noite ou então na segunda-feira próxima, aquilo que prometeu, ou seja, o anel que o Grande Vigário e Esther confeccionaram para a médium.

Em 14 de setembro, Cyclamen avisa-nos de que o anel que vão nos dar não é uma jóia de valor, mas simplesmente uma lembrança dos nossos amigos para a médium. Esse anel vai ser estreito demais e vai estar sem acabamento porque vai ser alargado e acabado depois.

Vai ter somente uma pedra em vez das três que deve ter, as outras serão colocadas mais tarde em sessões posteriores.

Em 18 de setembro, estando a médium no quarto, o Grande Vigário faz com que ela se deite sobre um tapete de peles e depois deixa o lugar para Esther, que materializa no dedo de Bedette o anel prometido. Enquanto isso, a médium está em catalepsia completa, dá gemidos leves e fala palavras inarticuladas. Faço parar a catalepsia e colocamos a médium na sua poltrona e para nossa grande satisfação, vemos brilhar no seu dedo o faiscar do diamante que enfeita o centro do anel. Ele parece de ouro. A pedra brilhante está montada sobre umas peças de platino; em cada lado, nas nervuras do anel, existe um sinal que marca o lugar onde serão colocadas mais tarde as duas pedras que faltam.

A médium está atordoada; não percebe muito bem o que acaba de acontecer. O anel é muito estreito e machuca seu dedo. Os nossos amigos nos avisaram sobre isso e queriam que fosse assim para demonstrar com certeza que esse trabalho é obra sua. O anel apresenta no seu interior uma linha que faz pensar que foi confeccionado com uma folha de metal de 4 milímetros de largura, e que suas bordas exteriores teriam sido curvadas para dentro antes de fazê-lo rodear o dedo da médium.

Cyclamen manifesta-se e comenta conosco a alegria que sentem todos os nossos amigos do além por terem conseguido esse resultado e agradecem a ajuda que nós demos a eles. Também diz que coloque o dedo da médium de molho em água com sabão, para poder tirar o anel a través de uma leve massagem, sem fazer muita força, para não quebrar. A pequena Joana também vem para nos comunicar a sua satisfação. “Não foi em vão que os nossos amigos quiseram que o seu grupo adotasse o nome de Grupo Esperança; deve fazer jus ao nome agora, e vocês devem ter sempre esperança e orar bastante pela França”. Cada vez que este espírito se manifesta está montando a cavalo e pede para orarmos pela França.

Esther depois vem nos dizer como ela está feliz por ter conseguido cumprir seus desejos.

A.K.... diz: “Todos os seus amigos estão felizes... eu abençôo vocês”. Todos os membros do grupo assinam essa ata. As Srtas. Victorine R., Angèle M., as Sras. Magdalena L..., Marie D...., Cavalier; o Sr. Mardon Maurice, o Sr. Henri Sausse e também Bedette.

Em 2 de outubro de 1911, estando Bedette em pé no quarto, eu seguro sua mão direita com a minha, ela reclama que seu braço esquerdo está em catalepsia atrás das suas costas. Posso constatar a rigidez do braço e enquanto eu seguro na minha mão esquerda os quatro dedos da sua mão direita, diz que alguém está tirando o anel que ela está usando na mão esquerda; depois, o anel é colocado no dedo mindinho da sua mão direita, que eu não tinha soltado nem por um instante. Em momento algum percebi nenhum movimento da médium. Quando Bedette sai do quarto, com a mão direita na minha mão, constatamos que o anel está no seu dedo mindinho e que continua com o braço esquerdo em catalepsia.

Em 9 de outubro, Bedette vê seus amigos acumular sobre o anel fluidos azuis e vermelhos que vão ficando depositados sobre ele como leves fitas.

No sábado, 14 de outubro de 1911, o Cyclamen pergunta para mim como desejo que sejam as pedras do anel, se azuis ou verdes. Respondo: “Como o senhor quiser, porém seria bem mais original se uma fosse azul e a outra verde”. A partir de então, o anel colocado em um estojo sempre ficou em minha casa. Somente foi entregue à médium no momento de colocá-la em sonambulismo e depois de cada um de nós conferirmos que não tinha sofrido nenhuma modificação.

Em 16 de outubro, com luz vermelha, Bedette entra no quarto,

senta-se no tapete e depois se queixa de uma queimadura intensa no dedo onde está o anel. Um instante depois reclama porque alguém está tirando o anel do seu dedo e quer que ele seja devolvido. Quando acendemos novamente a luz branca, ela continua em catalepsia e reclamando o anel. Então vemos brilhar o anel sobre o mármore da chaminé, e o entregamos a ela. Quando tiraram o anel do seu dedo foi de propósito para evitar uma queimadura que seria mais intensa com o trabalho daquela noite.

Em 20 de novembro, quando Bedette entra no quarto para o trabalho do anel, Esther é do tamanho de uma pessoa de estatura comum, depois ela é vista diminuindo à medida que os fluidos que ela emite vão sendo concentrados no anel.

Em 26 de novembro durante o trabalho dos fluidos, Bedette nos diz que está vendo um espírito que se aproxima do anel com umas pinças pequeninas muito brilhantes. Também está vendo as duas pedras que os nossos amigos desejam engastar para completar o anel: uma é azul, a outra é verde.

A Oração do Grande Vigário

Desde que o Grande Vigário se ocupa ativamente dos nossos fenômenos, recomenda-nos muitas vezes que oremos bem, que oremos com fervor e inclusive ele mesmo, depois de repetir a prece que fazemos em comum no início da sessão, costuma acrescentar Oremus em latim. Várias vezes temos pedido a ele para nos ditar o texto da sua oração, bem como a sua tradução para o francês.

Em 4 de dezembro de 1911, o Grande Vigário aceita o nosso pedido: ele dita a prece a seguir, primeiro o texto em latim e depois a tradução; pede-nos que acrescentemos o Oremus à nossa oração costumeira.

Impleat Dominus omnes petitiones tuas.

**Tribuat tibi soecumdum cortuum et concilium Tuum
confirmet. Loetabimur in salutare tuo et in niminé dei Nostri
magnificabimur.**

OREMUS

**Visita, quaesumus, domine, habitationem
istam et omnes insidias inimici ab ea longe repelle.
Angeli tui sancti habitent in ea qui nos in pace custodient
et benedictio tua sit super nos semper
per Christum Dominum nostrum.**

*Que o Senhor atenda todos os vossos pedidos.
 Que Ele vos dê tudo o que os vossos corações desejarem,
 Que Ele cumpra todos os vossos projetos.
 Ficaremos felizes pela proteção que receberéis
 Cuja glória nós relataremos ao nosso Deus,
 E aos vossos amigos o mérito dos vossos êxitos.*

Oremos

*Rogamos-te Senhor, que visiteis esta morada
 E afasteis dela todas as ciladas dos seres malignos.
 Que os teus Santos Espíritos aqui presentes
 Mantenham-nos aqui em paz e que a tua bênção sempre esteja sobre
 nós através de Jesus Cristo, nosso Senhor.*

Seria interessante saber se a Igreja Romana encontra nesta prece alguma influência satânica. Em qualquer caso, se o diabo pode se exprimir desta maneira é preciso convir que o nosso Grande Vigário seja um diabo bom, que ainda reserva para nós surpresas piedosas.

No entanto eu estava bem perplexo sobre o valor da minha prece em latim e sobre a sua tradução, que eu ou qualquer outra pessoa do nosso grupo não podia controlar. Não sabia a quem dirigir-me para pedir a tradução, quando os nossos amigos do espaço trouxeram-me o tradutor que buscava, no Sr. Rossigneux, que já mencionei antes. Primeiro mostrei a ele o texto em latim: “Oh, disse ele, é um latim de cozinha, deve ser um sacerdote quem ditou isto, mas as palavras estão muito desordenadas; a tradução é boa, mas com cheiro de seminário, eu não a teria feito assim.”

“Efetivamente, disse eu, foi um Grande Vigário quem ditou isto a uma médium, e ela, como eu, não conhece latim, quer dizer, é incapaz de escrever uma só frase que lhe fosse ditada, corretamente. Neste

caso por tanto, está perfeito, o texto e a tradução são a obra de um sacerdote.”

Não poderia desejar uma resposta mais concludente, uma confirmação mais precisa e autorizada: o Sr. Rossigneux é professor de latim e grego e prepara seus alunos para as escolas importantes.

Em 11 de dezembro de 1911, o Grande Vigário, durante o trabalho dos fluidos, pergunta-nos se queremos cantar com ele o Veni Creator, e tendo respondido que não o conhecemos, ele canta sozinho com a voz da médium em transe. Declara-se satisfeito do trabalho que acabará em breve.

Esther também está satisfeita, já está com as duas pedras perfeitamente preparadas. Se pudessem levariam o anel consigo, para trazê-lo terminado na sessão seguinte. Porém preferem demorar mais um pouco e acabar o trabalho aqui, sem levá-lo embora.

Em 26 de dezembro de 1911, o Grande Vigário canta de novo o Veni Creator e diz-nos que muito em breve teremos o resultado final. Está feliz de participar nos nossos trabalhos com o seu amigo Servonnet e de constatar que nada existe de diabólico nas nossas investigações. Está muito interessado nelas e pede para nos mantermos sempre unidos e confiantes.

Lá no quarto, Bedette queixava-se de que estavam queimando a sua mão, e de que as forças lhe faltavam para poder acabar o trabalho. Justin diz-nos: “Eu fluidifiquei bem e o grande soprava desgraça! Mas os fluidos faltavam”.

Cada um de nós fez o que pôde; paciência e perseverança; apesar de tudo, vamos conseguir.

Tribulações e êxitos

O que será o ano de 1912 para os nossos trabalhos? O que vamos conseguir com os nossos esforços? Resultados felizes ou fracassos? O futuro revelará. Nossos amigos do Espaço fizeram-nos alegres promessas, e para justificar o nome do nosso grupo prosseguimos em sua realização com a mais firme das esperanças. Procuraremos fazê-lo da melhor maneira possível com este lema como regra de comportamento: faze aquilo que precisares fazer, e seja lá o que Deus quiser.

Em 15 de janeiro de 1912, o Grande Vigário espera acabar logo seu trabalho, mas não compreende por que as pedras que já estão formadas e endurecidas amolecem de repente quando quer engastá-las no anel. Vai estudar a questão e voltará na segunda-feira próxima para, através do copo d'água, nos comunicar suas idéias novas.

Em 12 de fevereiro de 1912, o Grande Vigário toma posse para o trabalho do anel, à luz vermelha. O anel, que cada um examina no início de cada sessão, está no dedo da médium do mesmo modo como foi recebido. O Grande Vigário declara que um obstáculo imprevisto impede o acabado do anel. Reclama, se lamenta, está pesaroso. O trabalho inteiro está perdido, é preciso começar tudo de novo, ele não tinha previsto a dificuldade que se apresentou.

Peço aos membros do grupo para unificarmos os nossos esforços, toda a força dos nossos desejos, das nossas vontades, para poder

ajudar os nossos guias e fornecer a eles os fluidos materiais necessários para terminar o trabalho.

O Grande Vigário diz: “Nada pode ser feito desta maneira, precisamos levar o anel”.

Continuamos mantendo a nossa corrente e retomamos o nosso coro enquanto Bedette geme e depois chora. Sinto que seu corpo fica rígido, está em catalepsia completa. Depois de um instante de pesado silêncio, pensando que os nossos amigos tinham fracassado na tarefa, acendo a luz branca e levanto a médium. Vemos então o anel brilhar com novos lampejos. Está acabado? Não, ainda não, está faltando uma pedra... Mas o lugar que deve ocupar está preparado para recebê-la.

A pedra verde talvez tenha caído, pois os nossos guias afirmam que ela estava ali. Depois dizem que é para não procurarmos mais, pois eles já conseguiram recuperá-la.

Pedimos explicações a respeito dos obstáculos que se apresentaram, mas os nossos guias não podem responder. A prostração da médium é completa.

O Grande Vigário que prometera cantar o Te Deum Laudamus para festejar o êxito dos nossos trabalhos ficou sem ânimo para fazê-lo.

Depois de um instante de descanso, Cyclamen manifesta-se e afirma que a pedra verde existe e vai ser entregue a nós na sessão seguinte. As partes brilhantes são poeira de pedra e não reflexos do símile-platino que eles empregaram. Um obstáculo impediu que eles terminassem o anel como gostariam, mas estão alegres vendo como ele ficou e agradecem-nos a ajuda prestada.

Em 13 de fevereiro, Bedette veio para que eu a magnetizasse; durante o sono Cyclamen disse-me: “O anel está quase terminado, estamos muito satisfeitos apesar de que não era assim que tínhamos previsto acabá-lo. As pedras deviam ficar dentro das nervuras do

anel. Quando quisemos assentá-las para receberem as pedras, o metal não foi resistente o bastante para isso e a soldadura não foi possível. Ficamos muito aborrecidos com este contratempo, e então o Grande Vigário, para não perder o fruto do trabalho já realizado e as forças acumuladas, mudou a dificuldade, colocando-as por fora, dos lados. Para ocultar os arranhões feitos para colocar as nervuras, tiramos um pouquinho da substância da primeira pedra espalhando-a sobre o anel, e isso é o que dá a ele esses reflexos brilhantes.

A pedra verde será colocada na próxima sessão ou então entregue na mão da médium, e nesse caso deverá apoiar sobre as nervuras com cuidado para não quebrá-las.

Também não deve ser entregue a um joalheiro, ele poderia quebrá-la em pedaços, porque ela assim parece sólida, mas, pelo contrário, é muito frágil. Não é uma jóia de valor, é só uma lembrança. Os materiais feitos de fluidos puros não têm a resistência daqueles usados pelos ourives. É preciso evitar batidas porque ele se partiria. Deve aconselhar a médium para usá-lo durante as sessões, para os fluidos o endurecerem aos poucos e darem a ele mais resistência. Você deveria levá-lo consigo dentro do estojo, para ele se solidificar mais ao contato com os fluidos. Apesar dos lampejos, as pedras são da mesma origem e não possuem valor comercial algum.

Em 19 de fevereiro, durante a sessão, a pedra verde que completa o anel é colocada na mão da médium. Ao examinar o anel com uma lupa, constato que uma das nervuras é curta demais, e por tanto, não oferece um ponto de apoio suficiente.

E, 26 de fevereiro, com o anel na mão da médium, a pedra em um estojo sobre a chaminé, o Grande Vigário incorpora e entra no quarto. Eu seguro na minha a mão esquerda da médium, com a minha mão direita em contato com a corrente dos assistentes, e o braço direito de Bedette está em catalepsia. Então percebemos,

saindo do quarto, leves choques parecidos com o barulho metálico que produz o movimento das agulhas de um despertador, só que irregulares. A médium respira com força durante alguns instantes, depois diz que estão queimando o seu dedo.

Com luz branca, “Justin diz que fluidificou bastante o quarto. O Grande Vigário trouxe um pequeno martelo e um par de pequenas pinças para alongar as nervuras. Viu Esther como um colar de fluidos ao redor do colo, e deu-o ao Grande Vigário, o qual com o seu martelo e as suas pinças pequeninas, bateu-o sobre as nervuras depois de transformá-lo em um fio de ouro”.

Em 11 de março, com luz vermelha, a médium entra no quarto para continuar o trabalho do anel. Seguro a sua mão esquerda na minha, diz que tiraram o anel do seu dedo para evitar queimá-lo. Bedette segura o anel na ponta dos dedos da mão direita quando sai do quarto. Não soltei sua mão esquerda nem um momento sequer e de novo, todos nós escutamos os barulhos metálicos.

Em 18 de março, depois do desprendimento e os cantos, com a luz vermelha, Bedette entra no quarto para o trabalho do anel, que está no dedo mindinho da sua mão direita. Esta mão está em catalepsia, eu seguro a sua mão esquerda na minha. Ao mesmo tempo percebemos de novo as batidinhas dentro do quarto. Quando Bedette volta conosco diz que as batidinhas que ouvimos foram dadas sobre as nervuras para alongá-las. O calor produzido por este trabalho era tão forte que foi preciso tirar o anel, que estava queimando seu dedo.

Em 25 de março o Grande Vigário diz: “Sempre estou muito satisfeito pelo trabalho que está feito; vai chegando ao fim. Quanto ao relatório que prometi, direi a vocês algumas palavras para melhor ressaltar a beleza do trabalho. A princípio, não podia captar todos os detalhes, agora tenho explicações que posso passar a vocês de um modo mais compreensível, apesar de ser bem difícil para nós

explicar exatamente o que está acontecendo aqui, com as palavras que vocês conhecem. Precisaria de outros termos. Devo preparar tudo por antecipado, como fazia com os meus sermões, para não deixar nada confuso. Darei a vocês este relatório (1) em várias vezes, através do copo d'água, para não ocupar uma sessão inteira.”

(1) Por causa da guerra, que transtornou tantas coisas e tantas situações, não foi possível ditar este relatório. Será que isso poderá acontecer algum dia? Espero que sim, e nesse caso, posso prometer uma coisa, dá-lo a conhecer se algum dia eu o receber.

A corda e a framboesa de Justin

Em 1 de abril de 1912, a médium estava no quarto com o anel colocado no dedo, e a pedra verde colocada em cima da chaminé, dentro do estojo. Quando Bedette veio para o seu lugar, Justin diz que não está contente porque “Cyclamen zangou-se seriamente com ele...” Tinha visto uma corda de fluidos que ia do anel até a pedra verde, quis tocá-la para ver se era sólida e quebrou-a. Por isso o Grande Vigário e o Cyclamen estavam zangados e comunicaram isso a ele. Promete não tornar a fazer coisa assim.

Em 6 de maio de 1912, para acabar com as intrigas de uma tal Sra. X..., que Justin chama de senhora gorda e redonda, e que atormenta a chefe de Bedette para que entreguem a ela o famoso anel, os nossos guias recomendam não a deixarmos sair do local das nossas sessões até estas terminarem. Nessa hora dirão o que devemos fazer.

Em 20 de maio o médium diz: “O que vi esta noite no quarto me deixou mais feliz do que se tivessem terminado o anel. Saí do meu corpo, observei o Grande Vigário. Nessa noite havia forças suficientes, então ele tirou de cada um de nós fluidos para formar a substância de um presente que ele deseja dar a todos os membros do grupo. Eram oito... Era alguma coisa brilhante... Será um talismã da felicidade que os nossos amigos entregarão a vocês com muito prazer.” Cyclamen acrescenta: “Esta pequena jóia terá para cada um de vocês uma reserva de forças que poderão retirar a qualquer hora

na sua existência. Quando estiverem em alguma dificuldade, poderá ser um valioso auxílio. No momento da desencarnação, será uma força salutar que partirá com vocês, assim como o anel da médium.

Monsenhor Servonnet acrescenta: “Tudo aquilo que provém dos fluidos não pode passar por todas as mãos, porque poderia se desintegrar. Não emprestem para ninguém este pequeno talismã. Sejam bons e confiem, não pensem nada ruim daquilo que acabamos de dizer, mesmo sendo totalmente exato. Isto não significa que vocês devem ir logo embora para o Além, mas quando essa hora chegar, este talismã partirá com vocês, quando estiverem com a tarefa acabada. Porém não devem deixar ninguém manuseá-lo. Não tenham medo algum quando chegar para vocês a hora inevitável da separação, pois estarão sendo auxiliados e vocês mesmos desejarão vir aqui para se encontrar conosco.”

Por motivos diversos as sessões continuam, porém sem resultado. Os nossos guias trabalham no talismã e Justin diz que já viu aquilo que eles vão nos dar, porém não devemos dizer que ele nos contou: parece uma framboesa que ainda não amadureceu, só que brilhante e muito linda.

Maquinações e ciúmes

Em 3 de fevereiro de 1913. Desde o passado mês de maio as nossas reuniões têm transcorrido como de costume, mas sem nada de notável no que diz respeito ao anel ou os talismãs. Os nossos amigos têm se ocupado disso em cada sessão, mas por causa de intrigas, contrariedades, entraves físicos, morais e ocultos, tudo continua no mesmo ponto. No entanto, o grupo continua compacto, apesar dos esforços contrários que vêm de fora. A iluminação mudou, agora funciona com lâmpadas elétricas de 25 a 32 velas e uma vermelha de 16 velas.

Tendo o nosso grupo perdido dois membros, que foram embora, dois novos membros foram solicitados pelos nossos guias e vieram substituí-los. Um deles é Luisa, a senhorita que virou senhora em 1890. Cyclamen e Esther dão as boas-vindas à nossa antiga médium do grupo Amizade e se mostram felizes por tê-la de novo entre nós.

Em 10 de fevereiro, nossos amigos pedem-nos para continuar tendo um pouco de paciência no tocante aos talismãs, cuja materialização ficou interrompida por influências ocultas e falam que os entraves que obstaculizaram o trabalho tiveram origem nos ciúmes alheios. Os nossos amigos também querem que os dois novos membros não sejam esquecidos e acrescentam, por tanto, ao número previsto dois suplementos para as nossas novas amigas.

Lá para o final da sessão, uma garrafa cheia de água colocada às oito

horas em cima da chaminé, quebra sem motivo aparente, pelo impacto de um Espírito turbulento que acaba de deixar bruscamente Bedette.

Em 17 de fevereiro, durante a sessão vermelha enquanto Bedette está em um sono magnético, Luisa cai espontaneamente no sono. Torna a se encontrar com os amigos do Grupo Amizade e depois entra em êxtase, seu rosto se ilumina e diz: “Como os nossos amigos são bons, como eles estão bonitos e como brilham todos os fluidos. Concentrem-se nos seus pensamentos para auxiliar no trabalho que está se preparando”.

Em 17 de março de 1913, Monsenhor Servonnet diz: “Boa noite queridos amigos, também senti, como vocês, a demora na entrega dos vossos talismãs. Não fiquem impressionados por isso, e também não reclamem disso aos seus amigos. Por motivos especiais tivemos de demorar o seu prazer. Cyclamen nada faz por capricho, ele teve de se inclinar diante da necessidade; por respeito e por delicadeza para com ele, aceitem a situação, porque ele é muito sensível aos seus sentimentos”.

Os talismãs eram para serem entregues hoje mesmo, conforme a promessa dos nossos Guias, mas por causa das agitações da senhora gorda e redonda, ficamos acuados em um beco sem saída: ou adiávamos os resultados esperados com tanta impaciência, ou então perdíamos a nossa pequena médium. Preferimos deixar para mais tarde a produção do fenômeno e conservar, sim, entre nós, a nossa pequena Bedette, e por meio dela nos avisaram daquilo que se preparava contra nós. Por essa razão o anel continua sem terminar.

Em 30 de junho de 1913, através de Bedette, no começo da sessão, um Espírito desconhecido manifesta-se. Diz que vem para entorpecer as nossas sessões. Não entende por qual motivo obtemos fenômenos que não se produzem em outros lugares. E acrescenta:

“Sinto-me sob a influência de outro que me manda vir aqui para colocar entraves. Digam-me: o que devo fazer para me livrar?” Faça-lhe ver o quanto o seu comportamento é errado e também o de quem o está enviando; escuta-nos e depois diz: “Obrigado... Adeus...”

Em 23 de julho, o Grande Vigário diz: “Estou muito feliz, garanto, espero poder cantar em breve um Te Deum. Quero que saibam isto: estou cada vez mais feliz de assistir às suas reuniões, desejo que vocês possam sentir a mesma coisa. Digo a todos: Esperança e confiança”.

A framboesa de Justin materializa-se

Em 24 de novembro, em ausência de Bedette, Luisa vê aquilo que eles querem nos dar e diz: “Está aí, está pronto, eu poderia pegá-lo, mas não quero, quero que a nossa médium Bedette possa ter a alegria de ser ela a pegá-lo e a entregá-lo a vocês”.

Em 22 de dezembro, durante uma sessão vermelha, Luisa viu uma mão apresentando a ela uma rosa fluídica, porém não conseguiu materializá-la.

Em 29 de dezembro de 1913, Bedette vê o Grande Vigário passear no meio do grupo, deter-se diante de cada um de nós, segurando umas pérolas envolvidas em fluidos. Ainda não pode entregá-las, mas está satisfeito e diz-nos que devemos esperar. Ele nos estima.

Em 9 de março de 1914, Bedette diz que esteve prestes a pegar as coisinhas que nos prometeram. Viu descer em suas mãos, certos fluidos em forma de globo, depois, aos poucos, viu este globo esvair-se entre os seus dedos.

Em 27 de abril de 1914, Luisa diz que está vendo as pedras. Pedem para ela mostrá-las a nós, como na sessão anterior. Ela pede-nos para continuar cantando enquanto ela segura as mãos de Bedette e as minhas, depois diz: “Só mais um esforço! Eu quero essas pedras!” – Então pegue, digo a Luisa. Ela levanta-se e, sob a lâmpada vermelha, pega alguma coisa que no começo é escura na sua mão esquerda, que

sempre fica aberta diante dos nossos olhos.

Primeiro vejo uma pedra verde. Henriqueta, além disso, vê um topázio que eu não enxergo. Então Luisa despeja o conteúdo da sua mão, em catalepsia, na minha, e sinto dois objetos. Acendemos a luz branca e constatamos que existem duas pedras entalhadas em forma de rosas, uma esmeralda e outra grená, maiores do que as do anel. As duas médiuns estão em catalepsia parcial. Bedette demora um pouco mais em se recuperar do que Luisa. Este fenômeno aconteceu não no quarto, mas sim com as médiuns ao nosso lado, sob a luz vermelha.

Em 11 de maio de 1914, durante a sessão vermelha, faz-se a corrente. Seguro em minha mão direita a mão direita de Victorine. As duas médiuns apóiam as mãos sobre as nossas e a minha mão esquerda atua sobre as delas. Bedette diz que seus dedos estão gelados. Luisa vê as pedras nos fluidos, pede forças e pede-nos para cantar. A Sra. D... também vê as pedras. Peço às médiuns um esforço para se obter um resultado. Então vejo, claramente, um balde transparente meio verdoso e da grossura (1) de um ponto (um decímetro), se formar diante dos meus olhos, por cima das mãos de Bedette. Faz-me pensar no vidro de uma garrafa, vejo como ele se condensa sob o meu olhar, depois vejo a pedra cair na mão da médium Bedette e ricochetear no meu antebraço direito. Penso que ela caiu no tapete, mas não, sinto como ela remonta na minha mão direita e vem deslizando para o centro da minha mão, sob a mão de Victorine, que não tinha feito movimento algum e está segurando bem forte a minha mão.

(1) A grossura do globo que vi e que tinha o aspecto do vidro de uma garrafa, tinha mais ou menos umas dimensões de um decímetro cúbico. A pedra materializada tem aproximadamente 3 mm³, esta pedra, como declararam nossos amigos muitas vezes, não têm valor comercial, estão feitas com fluidos aglomerados por eles materializados para servirem de lembrança das nossas sessões.

Com a luz branca, quando soltamos nossas mãos, encontramos uma esmeralda entalhada na forma de quadrado.

Este é o depoimento de Victorine sobre o fenômeno:

Lyon, em 20 de maio de 1914.

A abaixo-assinada, Victorine R., certifica que durante a sessão de 11 de maio de 1914, com luz vermelha (lâmpada de 16 velas), reunidas dez pessoas para a nossa sessão semanal:

1º Quando coloquei a minha mão direita na mão do Sr. Sausse, não havia absolutamente nada na sua mão nem na minha;

2º Durante toda a sessão vermelha, nossas mãos mantiveram-se estreitamente palma contra palma;

3º Quando ocorreu o fenômeno, senti a materialização deslizar na minha mão;

4º Quando, com a luz branca (lâmpada de 32 velas), separamos nossas mãos, havia dentro da mão do Sr. Sausse, uma pedra esmeralda entalhada em diamante, que os nossos guias tinham colocado ali durante a sessão vermelha, como está detalhado na ata daquela sessão.

Com toda a sinceridade, assino esta afirmação.

Assinado: Victorine R...

Para cópia conforme:

Henri Sausse.

Desde que os nossos guias se ocupam especialmente dos talismãs, o anel, em cada sessão, é colocado sobre a chaminé no seu próprio estojo, e a pedra verde solta. Na sessão de 18 de maio de 1914, após o trabalho com a luz vermelha, Justin diz: “Hoje é dia de preparação; na próxima vez será dia de realização. Teremos três pedras”.

Enquanto eu faço assinarem a ata da reunião anterior, Henriqueta pega o estojo da chaminé, e depois de abri-lo, fica surpresa quando comprova que a pedra verde está no seu lugar, mostra-a para nós e fecha de novo o estojo.

Luisa pede ver o anel, abre de novo o estojo, a pedra cai dentro do estojo que torno a fechar. Um instante depois, Bedette também quer ver seu anel, abre o estojo, a pedra está colocada de novo, depois torna a cair pela segunda vez.

Adormeço Bedette de novo para obter explicação sobre este fenômeno. Ela responde que durante a sessão vermelha, o Grande Vigário carregou o anel com fluidos para terminá-lo, estes fluidos era o que fazia a pedra ficar sobre o anel quando tornou a cair e, uma vez o estojo fechado, os fluidos atraíram de novo a pedra como um ímã atrai o ferro, depois, esgotada a força, a pedra tornou a cair.

Seguindo os conselhos de Cyclamen

Em 25 de maio de 1914, durante a sessão vermelha, seguindo os conselhos dos nossos guias, seguro na minha mão esquerda as duas mãos de Bedette, e na minha mão direita as duas mãos de Luisa. Esta reclama porque quer que a deixemos livre. Vê as pedras, quer pegá-las e começa a chorar. Bedette diz a ela: “Escutemos os nossos guias, não vamos precisar pegá-las. Cyclamen as colocará em nossas mãos”.

Esta luta deixa as médiuns nervosas. Não há nenhum resultado, porém Justin anuncia-nos quatro pedras para a próxima reunião.

Cyclamen diz: “Tenham coragem, fazemos tudo quanto podemos para agradá-los. Trabalhamos cá do nosso lado e temos, também nós, um controle que devemos obedecer. Acima de nós sempre existe alguém nos dirigindo. Agradeço a confiança que vocês depositam em nós.”

Em 14 de junho de 1914, comunicação de Cyclamen, obtida através do copo de água. A princípio, quando Bedette desenvolveu esta faculdade, ela fixava o olhar em um copo de água. Porém muitas vezes o copo agitava-se e o conteúdo derramava-se por toda a parte, então nós o substituímos por uma garrafa quadrada, de vidro branco, cheia de água magnetizada e hermeticamente fechada. Enquanto Bedette a contempla, ela vê desfilar na garrafa uma fita de papel semelhante às do telégrafo e sobre esta fita ela pode ler os ensinamentos que os nossos amigos desejam nos transmitir. Assim

foi como obtivemos a oração do Grande Vigário e também a recomendação a seguir:

“Recomendo-te de novo, durante a sessão vermelha, segurar bem as mãos das médiuns e peço desculpas por esta exigência que é necessária e cuja importância será compreendida mais tarde.

“Sabemos, amigos meus, e isto nos deixa feliz porque é a nossa força, que não devemos ter dúvida alguma sobre nenhum de vocês, porém é preciso lembrar-lhes que os fenômenos, cuja realização estamos perseguindo e que estamos felizes de produzir, não são exclusivamente para vocês. O relato dos fatos será feito fora daqui, portanto, para produzir o efeito que desejamos, é imprescindível que as condições onde ele se estabeleça não deixem espaço para nenhuma dúvida, nenhuma suspeita da parte daqueles que terão conhecimento disso sem ter assistido as nossas reuniões.

“Já sei, nunca desarmarão a má fé, ou a negação de uma ideia preconcebida, porém não por isso é menos verdade e indispensável que deve haver pessoas sérias e observadoras, e se forem tomadas todas as precauções para garantir a autenticidade dos fenômenos, a sua palavra terá então maior peso e o seu depoimento maior alcance.

“Por esse motivo peço perdão às médiuns, mas recomendo a você não soltar as mãos delas durante a sessão vermelha. É uma questão de costume e de prudência para elas e para protegê-las de qualquer suspeita injustificada vinda do exterior. Não por isso os fenômenos serão realizados com maior dificuldade.”

Em 15 de junho de 1914 seguro as mãos das duas médiuns. O Sr. M ... acende a luz vermelha, o grupo forma uma corrente.

Durante essa sessão, as médiuns vêm as pedras penduradas do seu cordão fluídico. Todos nós unimos os nossos esforços, os nossos desejos para consegui-las. Quando os nossos amigos pedem para acender a luz branca, como estava anunciado encontramos uma

pedra nas mãos de Bedette, as quais eu continuo segurando, e a outra sobre o tapete. Esta última deveria ter aparecido na mão de Luisa, mas estando ela sempre muito agitada por causa da produção do fenômeno, esforça-se constantemente para se liberar, enquanto Bedette mantém-se calma e passiva. Apesar disso, eu seguro as mãos das duas com as minhas.

Em 22 de junho de 1914, durante a sessão vermelha, seguro debaixo do meu polegar, nas mãos das duas médiuns, uma das duas pedras que nos foram dadas em 15 de junho. Nossos amigos pediram para atuarmos dessa maneira para aumentar o volume das duas pedras, que eles acham muito pequenas. No fim da sessão, estão satisfeitos com o resultado que podemos apreciar facilmente.

Em 29 de junho, durante a sessão vermelha, enquanto seguro a mão das duas médiuns, Luisa vê as pedras prometidas. Existem duas, porém as forças são escassas, e só uma foi materializada; a outra, muito pequena pela falta de fluidos, é levada embora de novo pelos nossos amigos.

Monsieur Servonnet diz: “Quando tudo terminar, eu espero que cada um possa voltar para dar as suas impressões. Por enquanto, o trabalho ficou muito mais difícil do que poderia imaginar. Pode fracassar por muito pouca coisa.”

Durante a sessão, Justin pediu um copo de rosado espumoso para recuperar as forças porque tinha fluidificado bem. Prometo isso com a condição de ele mesmo beber. No fim da sessão ofereço aos meus amigos uma taça do vinho pedido por Justin e coloco onze taças sobre uma bandeja. Enquanto conversávamos e sem perceber, Bedette entra em transe, envolvida por Justin, que pega o copo, bebe-o de um trago, compraz-se e depois deixa a médium sem ela ter percebido nada. No momento de partir, quando contamos a Bedette o acontecido, ela reclama dizendo que se tivesse bebido dois copos

estaria de cabeça pesada, sendo que se sente perfeitamente bem.

Em 6 de julho de 1914, com Luisa doente, só temos Bedette como médium. Eu seguro as duas mãos dela. Vê uma pedra ser formada, mas ela não tem forças. A pedra é pequena demais e os nossos guias a levam para o laboratório espiritual para lhe dar as propriedades necessárias à pessoa para quem vai destinada. Ela vê levarem a pedra e começa a chorar, dizendo: “na vez seguinte teremos três”.

Em 20 de julho de 1914, durante a sessão vermelha, seguro as duas mãos de cada uma das médiuns, as mãos de Luisa sobre as de Bedette. Esta última vê as pedras, quer pegá-las. Todos nós unimos os nossos pensamentos com esse fim. Bedette sobressalta-se e diz estar com uma pedra na mão esquerda. Abraça Luisa e pede para deixarmos a pedra com ela. Depois de um novo esforço afirma estar com mais uma pedra, novamente as duas médiuns se esforçam e dizem: “é para esta noite”. Protegemos os olhos das médiuns e o Sr. M. torna a acender a luz elétrica.

Então vemos as quatro últimas pedras juntas na mão de Bedette que está em catalepsia completa, enquanto Luisa só está como os braços adormecidos.

Bedette, em sonambulismo, diz que as três primeiras pedras chegaram até sua mão atravessando as mãos de Luisa, a última deslizou-se entre seus dedos e veio por baixo da suas mãos, que eu estivera segurando sem soltá-las nem por um instante, durante toda a sessão vermelha.

Em 27 de julho de 1914, depois da sessão vermelha, Cyclamen manifesta-se e diz: “Boa noite, meus amigos. Esta vez nós vamos agradá-los distribuindo as pequenas pedras. Cada uma delas está magnetizada em função das suas necessidades. Trabalhamos muito tempo para oferecê-las a vocês, e estamos conseguindo. São fluidos muito puros que tiramos de vocês para combiná-los com os nossos e

condensá-los de propósito para vocês. O Grande Vigário fez um bom trabalho, pedimos para agradecerem a ele em especial, porque é merecedor”.

“Assim é como devem reparti-las. Como chefe do grupo, a vermelha (1) é para você.

(1) Fiz colocarem-na sobre um anel de ouro. Esta pedra era de uma cor grená muito pura, muito formosa. Mas em setembro de 1914, na hora da batalha da Marne, ela desapareceu, nossos amigos a tinham recuperado para utilizar seus fluídos nos cuidados com os feridos.

Uma das duas maiores será dada a Luisa e a outra é para Bedette. “Todas as outras deverão entregá-las em minhas mãos.” Observa-as, toca-as e depois entrega a cada um aquela que lhe foi destinada com uma palavra de alento e acrescenta: “Meus amigos, já estão com seus talismãs fluídicos. Que eles tragam doces alegrias e coisas boas para todos.

“Entregamos estas pedras nesta noite para contribuírem a reforçar a paz interior e a força da França que vai passar por grandes crises. Orem muito, com todo o seu coração, pela paz, e mandem seu pensamento à França, que vai precisar”.

“Ficamos pensando e resolvemos deixar vocês descansarem e recuperarem forças. Nós também precisamos descansar. Portanto, vamos suspender as sessões durante o mês de agosto inteiro. Recomeçaremos novamente com elas em setembro.”

O Grande Vigário: “Imleat Dominus omnes petitiones tuas.” Que Deus atenda todos os vossos pedidos.

Em 24 de julho de 1914.

Aqui acaba o nosso livro de atas. Pela primeira vez em quatro anos, os nossos amigos nos deram um mês de descanso. Sabemos agora por quais motivos. Apesar disso e da angústia que apertava os nossos corações, retomamos as sessões. Não mais para a produção de

fenômenos, mas sim para reunir, cada semana, todos os fluidos que podíamos oferecer aos nossos guias para secundá-los nas missões que lhes eram confiadas, e assim poderem usá-los para levantar o ânimo daqueles que pudessem estar desfalecidos, para inspirar a todos eles o desejo e a vontade de vencer e a certeza do triunfo final, do qual nunca tivemos dúvida; para que eles possam, com os nossos fluidos, aliviar os feridos, nossos doentes, devolver a esperança aos presos e, sobre tudo, para que pudessem ajudar aqueles que, a cada dia, caíram e não tornaram a levantar; para ajudá-los a compreender a sua nova situação, para ajudá-los a sair da perturbação e a compreender que ainda podem ajudar os companheiros que ficaram no frente de batalha, amando-os com seu alento patriótico e com todas as suas forças fluídicas.

A chamada: “Levantem-se os mortos”, não somente foi escutada nas trincheiras, houve inúmeros ecos e os imponderáveis uniram-se a eles pela salvação da França, pela defesa do direito, da justiça, da liberdade. Vercingetórix, Joana d’Arc, Bayard, todos os nossos valentes, todas as nossas glórias nacionais, todos os Carnot, os Gambetta, os Déroulède, responderam a esta chamada, os nossos guias fizeram a mesma coisa na medida das suas forças, e a nossa França orgulhosa, que devia ser esmagada, não somente continua em pé, mas, com o apoio de todos seus filhos, pelo progresso da humanidade: TRIUNFARÁ.

31 de janeiro de 1920

Por quê?

1 de março de 1917.

Por causa dos resultados felizes conseguidos em minhas pesquisas sobre Espiritismo experimental e as inúmeras manifestações físicas e palpáveis que pude assistir e participar, fui alvo em repetidas ocasiões das perguntas seguintes: Por que vocês têm esse privilégio e por que as suas médiuns não conseguiram fenômenos semelhantes com outros experimentadores?

Com efeito, por quê?

Sem dúvida existem vários motivos, entre os quais acredito poder assinalar o seguinte:

Muito antes de Luisa, a Sra. Ch., como a Sra. M. e a Srta. M., disseram-me: “Sem você eu nada posso fazer”.

Quando Bedette me afirma também que a minha presença junto dela é imprescindível para a produção dos fenômenos obtidos por intermédio dela, talvez não esteja completamente errada.

Efetivamente, para homenagear a boa vontade dos meus médiuns, sempre atribuí a eles o mérito dos resultados conseguidos. Nas narrações dos fenômenos diversos que temos observado, somente a sua faculdade foi colocada em evidência. Visto que isso me alegrava, quis atribuir a elas todo o mérito e a honra, porém eu não era tão alheio como deixei imaginar.

Por tanto, para responder a essa pergunta: por quê? Posso admitir

que eu também seja um pouco médium aos efeitos físicos. Mesmo conservando-me perfeitamente acordado, acontece muitas vezes que eu, estando sozinho, percebo ruídos, impactos bastante fortes que se repetem quando digo “mais uma vez!”

Daquela primeira vez que disse “mais uma vez”, conservo uma lembrança espantosa. Corria o ano 1867, era uma noite de inverno. Estávamos ao redor do fogo, meu pai, minha mãe, meu irmão e eu, quando aconteceu na chaminé uma detonação parecida com uma arma de fogo.

Minha mãe sobressalta-se e meu pai diz: “por que você está com medo, são os nossos mortos que manifestam sua presença” e eu acrescento: “se são os nossos mortos, façam isso de novo”. Nesse mesmo instante reproduziram-se os estalidos, um deles vindo da chaminé, parecido ao primeiro, e o segundo vindo da minha face, onde minha mãe acabava de assestar a maior bofetada que levei em toda a minha vida. A ela eu não disse “faça isso de novo”.

Mais tarde, em 1879, um domingo de manhã, no meu quarto, eu estava com tudo arrumado, fizera limpeza e restava mais de uma hora até o momento de descer para almoçar, o qual eu esperava lendo. Lá para as onze horas e meia, torno a colocar na estante o livro que estivera lendo quando escuto atrás de mim um barulho parecido com o que teria feito um objeto de ferro batendo no vidro. Virando-me, disse: “outra vez!” e no mesmo momento o barulho repete-se, seguido de um gluglu significativo, era a minha jarra que tinha recebido o impacto invisível e estava com uma brecha de um centímetro de largo por cinco de comprimento; porém eu estava sozinho em casa, repito, e desde as oito da manhã, quando tinha enchido a minha jarra, não voltara a tocar nela.

Mais tarde, em 1884, quando eu estava lendo um livro, a sós na cozinha, ouvi um barulho que já comentei nos trabalhos do grupo

Amizade e que me ajudou a desbaratar uma fraude.

Mais tarde ainda, em 1893, eu estava sozinho em meu trabalho, ocupado em preencher uma comissão. Entre os objetos solicitados figurava um manguito de visom. Somente resta um, que deixei à parte de propósito. Dirijo-me à secção onde se encontra ele, retiro duas pilhas de folhas de papelão, não está ali. Levanto mais duas, também não. Como existem 150 caixas para abrir, torno a colocar os manguitos que tirei da secção, pensando: “quando o rapaz que faz as encomendas voltar, eu vou pedir a ele para procurá-los” e fecho o armário, depois retorno à minha comissão. Então ouço cair e rolar longe de mim um manguito dentro da sua caixa e penso: “você pode rolar o que quiser, só vou te pegar quando me dirigir aí”, mas é justamente ali onde está o seguinte objeto da minha comissão. Volto até a secção para ver de qual fila ele caiu, mas não existe nenhum lugar vazio, todas as pilhas estão ao completo. ¿Como ele pôde sair do armário que eu tinha fechado? ¿Quem o pegou para mim dessa maneira? Sem dúvida não foi um ser encarnado, porque eu estava a sós nesse momento (hora do almoço) no armazém, por tanto não foi por uma intervenção humana que o recebi, e sim por um ser invisível e amável que quis me dar uma prova da sua presença.

Mais tarde enfim, em 27 de outubro de 1901, um domingo à noite, eu estava com minha mãe, em minha casa. Estávamos os dois sentados no sofá e falando dos nossos parentes falecidos enquanto esperávamos os meus filhos voltarem de um passeio. Eu tinha vestido, para me sentir mais à vontade, um roupão que amarrava com um cordão grosso, e de maneira maquinal fazia molinetes com uma das borlas quando um choque aconteceu. Minha mãe diz: “Alguma coisa caiu”. Abaixa-se e recolhe aos seus pés uma agulha de crochê que tinha pertencido à minha esposa e em minha mão havia um anel de cobre, da grossura de uma moeda de dois francos.

¿De onde teria vindo tudo isso? Minha mãe, que não acreditava em manifestações espíritas, e até ficava com medo, teve de reconhecer o fato, e quando os meus filhos voltaram, mostrei a agulha de crochê à minha filha e perguntei a ela: “o que é isto?” e ela respondeu: “ora, se é a agulha de crochê da mamãe, ¿de onde você a tirou?” Tinha ficado no bolso do vestido que vestiu no ataúde. Era, com efeito, a sua agulha de crochê, e eu também a reconheceria.

Isto foi um aporte convincente e não uma ilusão: estávamos os dois a sós, minha mãe e eu, e os dois perfeitamente acordados.

Poderia alongar estes relatos com muitos outros fatos, porém estes que acabo de indicar são, segundo penso, suficientes para dar crédito às médiuns. Na produção dos fenômenos obtidos, talvez eu também tenha a minha pequena parte e essa é a razão, sem dúvida, pela qual aqueles que quiseram utilizar os meus médiuns para provocar a manifestação dos mesmos fenômenos, não conseguiram.

Porém não quero embelezar a minha parte mais do que já tem sido: persisto, pelo contrário, em destacar o maior mérito das médiuns, as quais, cada uma em investigações diferentes, prestou-me sua ajuda mais completa, mais entregue, mais desinteressada. A alegria dos resultados conseguidos é suficiente para mim. Elas têm o maior mérito como testemunho de reconhecimento pela assiduidade, a paciência, a perseverança que demonstraram nos nossos trabalhos em comum.

Afinal, é possível nos termos ajudado mutuamente, mas é justamente graças a elas, a Bedette no grupo Esperança, a Luisa no grupo Amizade, às Sras. Ch., M., que foi possível que eu conseguisse inúmeros fenômenos que me favoreceram e pelos quais, juntos agradecemos aos nossos guias, aos nossos amigos falecidos, visto que, não esqueçamos, eles também tiveram alguma coisa a ver na realização dos fenômenos que, sem eles, nunca teríamos conseguido.

Para se fazer um bom guisado o que faz falta é uma boa lebre. Para se fazer um bom grupo de estudos espíritas, um bom médium não é suficiente. Também faz falta uma harmonia perfeita entre todos os membros do grupo. Faz falta uma tenacidade perseverante que nada pode desanimar ou desalentar. Faz falta uma vontade ardente, mantida continuamente, que anima todos os membros em suas esperanças, em seus desejos, uma assiduidade que nada detém e uma confiança recíproca que de todos os assistentes possa fazer um só bloco, animado pelo mesmo ardor para continuar com os trabalhos, de um mesmo reconhecimento aos invisíveis que nos dão assistência, visto que sem eles não há nada que fazer, nada que esperar. Harmonia, confiança, perseverança são as condições indispensáveis para o sucesso.

Por estas razões um grupo de experimentadores dos fenômenos transcendentais deve ser um grupo fechado, do qual devem ficar excluídos os indiferentes, os curiosos e com maior razão os invejosos, os ciumentos e aqueles que negam a possibilidade dos fenômenos.

Estas são as regras que temos respeitado, são as condições que temos realizado e, graças aos nossos amigos do espaço, o êxito compensou amplamente os nossos esforços.

Para todos aqueles que quiserem entrar nesta via, desejemos uma perseverança similar e resultados ainda mais satisfatórios. Porém não é suficiente só querer, também é preciso saber querer.

III

CONCLUSÃO

Agora que fizemos desfilar diante dos seus olhos, em duas séries de fenômenos, as provas prometidas pelos nossos títulos que queríamos que você conhecesse, que conclusões, amigo leitor, podemos e devemos tirar dos fatos que expusemos?

Em primeiro lugar, se nos transportássemos em pensamento à época em que os primeiros fenômenos foram produzidos, lembraremos que naquele tempo todas as pessoas que se ocupavam deste tipo de pesquisas na França declaravam-se franca e simplesmente espíritas, ou seja, discípulos de Allan Kardec, o fundador do Espiritismo filosófico. Até sentiam certo orgulho em se declararem espíritas, segurar sua bandeira aberta, em vez de escondê-la no bolso, como muitos neo-espíritas acreditaram precisar fazer desde então, para se protegerem atrás de certos nomes, palavras novas tão bárbaras quanto científicas, e evitar assim se exporem às caçadas, aos sarcasmos dos materialistas, aos quais se uniram para sufocar o Espiritismo, as maquinações suspeitas e desleais do clericalismo, que buscava por sua parte fazê-lo desaparecer sob aspectos ridículos e de má fé. Naquela época, se declarar espírita era correr riscos, porém os nossos avôs sentiam-se orgulhosos desse nome que lhes ensinara Allan Kardec, de quem conheciam a fundo a obra inteira e colocavam em prática seus

ensinamentos (1).

(1) Em Lyon sob a ordem moral, a polícia nos classificava como anarquistas e nos consideravam como tal.

Eles estavam profundamente convencidos da existência em nós de uma alma imortal, da sua sobrevivência após a destruição do corpo material, da comunicação real e possível entre os vivos aqui embaixo e os vivos no além, ou seja, nossos pais, nossos amigos e todos os contemporâneos que, tendo se interessado nestas pesquisas durante sua vida terrestre, continuavam no além, antes de tornar a reencarnar no nosso planeta para viver aqui uma nova existência, ou então em outro mundo, habitado por almas caminhando na grande peregrinação das existências sucessivas.

Os espíritas daquela época não só conheciam bem todos os ensinamentos de Allan Kardec, como também os colocavam em prática para seu aprimoramento espiritual e moral e para o aprimoramento da filosofia espírita. Estavam convencidos de que todas as comunicações eram produzidas por espíritos e que o nosso dever era o de estudá-las para aceitar aquelas que fossem boas e rejeitar aquelas que parecessem ruins ou mesmo suspeitas. Protegiam-se da melhor maneira possível contra as fraudes, tanto dos médiuns quanto dos desencarnados. Naquela época, como agora, o estudo do Espiritismo não era considerado uma coisa fácil, muito pelo contrário, nossos avôs consideravam que era um estudo de muito alento, depositando nele toda a seriedade, toda a atenção e a boa-fé que ele contém em si e merece.

Porém, um dia aconteceu que os neo-espíritas, achando que o estudo da moral é tedioso, deixaram-na de lado para se ocuparem somente das manifestações palpáveis e materiais. Então foi uma eclosão de teorias novas, de hipóteses, de suposições, de afirmações sem provas, cada uma mais extravagante, mais desconcertante do que a outra. Aquele sábio materialista que não acreditava na alma

humana nem na sobrevivência, rejeitava a alma e os Espíritos e atribuía as manifestações às causas mais heteróclitas, mais incríveis, às quais dava nomes mais ou menos bárbaros. Aquele outro, insatisfeito por não ter descoberto nada, desprestigiava as antigas experiências para ocultá-las sob palavras novas que embrulham, cada vez mais, o estudo da Doutrina, tão clara até então. Aí saíam das sombras todos os inconscientes e os superlativos, dos quais cada autor dava uma explicação especial que não definia nada, e sim camuflava a alma e os Espíritos, estando aí tudo o que desejavam os novos investigadores dos novos métodos de pesquisa. Os clericais, por sua vez, do alto dos seus púlpitos lançavam pestes contra o Espiritismo. Enquanto isso, os partidários evitavam os espíritos, que não desejavam conhecer nem admitir, e dos quais nem queriam ouvir falar.

Entre todas as invenções, suposições e explicações novas, foram, por acaso, encontrados ao menos os meios de resolver todos os problemas que nos apresentam as manifestações espíritas? Em modo algum. Nenhum dos fenômenos do grupo Amizade poderia ser explicado, se fosse analisado por eles. A psicometria, o animismo, a telecinésia, foram aplicados sem muito sucesso.

Para os pequenos movimentos de objetos a distâncias próximas, acreditava-se ter encontrado um motor nos membros suplementares ou extensíveis que alguns médiuns estudados pelos sábios deixavam supor. Porém, quanto aos buquês de flores que recebemos ou as ações a grandes distâncias, isto continuaria sem ser explicado, e também quanto às causas da catalepsia após a realização dos fenômenos, se os Espíritos não tivessem dado eles mesmos a explicação.

Para o fenômeno da escrita direta sob envelope fechado, nenhuma das novas teorias pode nos dar a solução. Quando eu escrevo como

médium, me objetam que é o meu inconsciente ou o meu subconsciente quem dita a comunicação transmitida. Porém no caso mencionado, nem a médium nem eu tivemos nada que pensar, nada que escrever, visto que a coisa aconteceu sem a nossa intervenção. Então, como poderia o meu inconsciente escrever, ele sozinho, sem que eu percebesse, e mais surpreendente ainda, a primeira comunicação é de uma letra fina e segue umas linhas retas apesar de o papel estar dobrado em quatro, enquanto a segunda comunicação, assinada “Teu avô” foi escrita pelo meio da segunda folha e sua letra é tão parecida à que ele tinha em vida que minha mãe reconheceu-a quando passava por ali, sem vacilar. Que motivos teria eu para não acreditar que foi escrita pela mesma pessoa que a assinou?

A criação das pílulas para um caso especial, que ninguém podia prever e que se materializam no momento preciso, também é um fenômeno que as novas teorias não saberiam resolver. Do mesmo jeito que não saberiam explicar, sem a pluralidade de existências, a explosão de ódio póstumo entre Luisa e a Srta. Sophie.

Dentre os fatos do grupo Esperança, o caso de Victorine, que vem nos revelar seu nome de Marie-Louise que ninguém conhecia e nem podia conhecer, não é uma prova concludente? E a sensação macabra que sentiu a médium quando o espírito a deixou, não é típica? A gente sofre estes efeitos, não os inventa.

No caso do Sr. Servonnet, houve um fato particular, que foi o seguinte: um dos seus sobrinhos, que não conheço, fez-me saber através de uma terceira pessoa, que tinha reconhecido seu tio no seu linguajar, reproduzido na Revista “O Espiritismo Kardecista”.

E a prece em latim do Grande Vigário com a tradução! Como explicá-la, senão por uma intervenção direta desse personagem.

E o anel de Bedette! A série de dificuldades que ele criou para nós. Ele foi criado para o dedo dela, porém pequeno demais, depois foi

acrescido nas sessões, muda de dedo ou de mão enquanto eu mesmo estou segurando a sua mão na minha.

E a framboesa verde de Justin que se traduz em dez pequenas esmeraldas, uma das quais desliza em minha mão e na mão de Victorine, que eu apertava com força na minha.

De tudo isto, que explicações verossímeis poderiam dar as novas teorias? Nenhuma concludente, em minha opinião. Para chegar a uma solução verdadeira, lógica, uma explicação satisfatória, há que se voltar à teoria espírita, à presença dos espíritos amigos em torno a nós, ao seu poder sobre a matéria que eles nos revelaram antes que a ciência oficial o fizesse.

A ação dos invisíveis na produção destes fenômenos é indubitável e todos aqueles que assistiram às nossas reuniões, ou a reuniões similares, não têm dúvida alguma sobre a presença real em torno a nós dos nossos amigos do espaço, dos quais, às vezes, sentimos o roçar tão distintamente como se estivessem presentes materialmente.

Todos os fenômenos que acabamos de lembrar encontram explicação na intervenção dos espíritos, na assistência dos nossos amigos falecidos, e essa explicação é completa somente graças aos nossos guias e à sua vontade, ao seu desejo de nos serem úteis e agradáveis. Portanto, ao Espiritismo e somente a ele, é que devemos atribuir estes fenômenos que são para nós a prova material da sobrevivência dos espíritos no além, da comunicação absolutamente segura entre os vivos e aqueles que de maneira imprópria chamamos de mortos.

É porque eu já era espírita em 1867 que me ocupei destas pesquisas, é porque eu era espírita que mais tarde pude investigar interessantes fenômenos e é por causa de todas estas manifestações que, apesar do que alguém possa pensar sobre isto, até o dia em que

receber a ordem de partir para a minha grande viagem ao além, continuarei sendo espírita e fiel a Allan Kardec.

Henri Sausse.

ODE A ALLAN KARDEC

Glória a ti Kardec, que através do Espiritismo,
Ensinando-nos, da morte, qual é o amanhã,
É graças às tuas lições, teu puro idealismo,
Que seguimos o caminho da Verdade.

A dúvida triunfava. O materialismo,
Sufocando em nossos corações nosso generoso entusiasmo
Submetia-nos sob o jugo do seu falso realismo,
Deixando-nos como único porvir o vazio.

Quando vieste a nós, pensador rigoroso,
Ensinando-nos as duras leis do destino,
Levantaste para nós os véus do mistério,
Que conheceram antigamente nossos pais na Gália.

Através dos teus ensinamentos, aprendemos, ó Mestre,
Que devemos buscar sempre o certo, o belo:
Que morrer aqui embaixo, é nascer de novo,
Em um mundo melhor, além do túmulo.

Porém, para tanto devemos, sem trégua nem descanso,
Domar as paixões do nosso corpo,
Elevar-nos sempre é a nossa grande tarefa,
Se quisermos atingir as altas esferas.

Para alcançar a meta deste longo caminho

Em cada etapa devemos, cheios de doces esperanças
Cumprir os desígnios que um destino magnânimo
Gravou nos nossos corações como primeiras tarefas.

Como início, ajudarmos mais a cada dia,
Compadecermo-nos daquele que sofre e estender-lhe a mão,
Ter sempre a coragem de querer evoluir,
E a cada passo que dermos respeitar os outros.

Sem temor e sem medo da eterna viagem
Que devemos cumprir, observarmos as leis.
Sabemos que a vida é uma peregrinação
Que teremos de cumprir muitas outras vezes.

Porém sabemos também que quando a noite cai
Podemos evocar os nossos mortos queridos,
Que para nos revelarem os segredos sepulcrais
Animam-se com a melhor das vontades para nos agradarem.

Louvemos Allan Kardec, exaltemos sua memória,
Do Espiritismo o ilustre fundador;
Sobre o mármore e o bronze do templo da glória
Vamos gravar o nome deste grande Benfeitor.

O que eu quis, nestes versos meus em teu louvor, ó Mestre,
Foi afirmar tua doutrina, esclarecer seu propósito,
E para que ela seja amada, sendo conhecida,
Com a minha fidelidade, render meu tributo a ela.

Também quero comemorar estes dois cinquentenários,
O da tua volta, ó Mestre, para o além;
O dos meus inícios entre os teus discípulos;
E como então, responder ao chamado.

Henri Sausse.